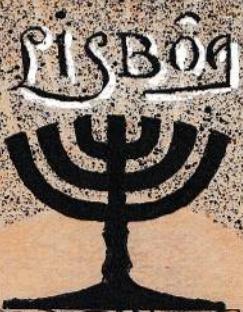




SAMUEL SCHWARTZ

*INSCRIÇÕES
VIBRAICAS* EM
POR TUGAL



תרכז

Samuel Schwarz.

INSCRIÇÕES HEBRAICAS EM PORTUGAL.

Separat
do
Instituto Histórico



a diversos estudos e bibliografias portuguesas têm sido feitas sobre
construções hebreias no Portugal.¹²⁾

Contudo, como estes trabalhos se referem apenas a algumas inserções
de hebreus existentes em Portugal, tivemos a ideia de, à semelhança
de notícias entre os rabinos Saphra: "Rapport sur les inscriptions hébreu-
es de l'Empire", Paris, 1907 - excepto, mas só assim, todos os
hebreus antigos Swabianas, até agora, em Portugal. Tanto
mais que, no seu

A meu querido pai estudos sobre a história dos "Sepulcros"¹³⁾

ISUCHER SCHWARZ, encontrou alguma ligação antiga
a quem deve tudo e que seu,
piedosamente dedica este
medeste trabalho.

1) Muitos estudos e outras documentações citam

"Monumentos rústicos do Portugal" por J. M. Salles, publicado no
Anais da Sociedade Portuguesa de Arqueologia Civil e
Arte Portuguesa, V. I. Lisboa, 1973, pp. 11-12
(Revista Nacional), 1961, idem, 1961, p. 4, 1962, 1973,

"Construções das Sinagogas dos Judeus Portugueses", Dr. António Pe-
dro, publicado na "Revista Arqueológica", Vol. III, 1929, pp. 11-12.
"Construções antigas de Lisboa" por Soeiro Vilarim, publicado na "Re-
vista Portuguesa" Vol. II, 1904, pp. 11-12.

"As Inscrições da Sinagoga de Monchique", idem, idem, 1904
"As Inscrições hebreias em Coimbra, Braga" por Samuel Schwarz, publicado
na "Revista Portuguesa" Arqueológica, V. 10, 1907, pp. 1-20.

DOCUMENTOS HEBREUS EXISTENTES EM PORTUGAL

PROLOGO

Já diversos sábios e historiógrafos portuguezes têm publicado estudos sobre inscrições hebraicas de Portugal.⁽¹⁾

Todavia, como estes trabalhos se referem apenas a algumas inscrições hebraicas existentes em Portugal, tivemos a idéia de, à semelhança da notável obra de Moïse Schwab: "Rapport sur les Inscriptions Hébraïques de l'Espagne", Paris, 1907 - agrupar, num só estudo, todas as inscrições hebraicas antigas descobertas, até agora, em Portugal; tanto mais que, no decorrer dos nossos estudos sobre a história dos "Cristãos-Novos", tivemos o feliz acaso de encontrar algumas lápides antigas ainda inéditas.

(1) Entre estes estudos ocorre-nos citar:

"Descoberta rara feita no Algarve" por J. da Silve, publicada no Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, N°. 3, 2^a. Série, 1875, pag. 44-45.

"Epigraphia Nacional", idem, idem, idem, N°. 5, 2^a. Série, 1875, pag. 77-79.

"Inscrições das Synagogas dos Judeus Portuguezes", por Esteves Pereira, publicado na "Revista Archeológica", vol. III, 1889, pag. 115.

"Ocorrências da Vida Judaica", por Souza Viterbo, publicado no "Arquivo Histórico Portuguez", vol. II, 1904, pag. 176-200.

"A Inscrição da Synagoga de Monchique", idem, idem, idem, pag. 418-420.

"Uma lápide hebraica em Casteio Branco" por Samuel Schwarz, publicado no jornal de Castelo Branco "A Província", N°. 39, de 2 de Outubro de 1921.

Evidentemente que, de nenhum modo, temos a pretenção de comparar este modesto estudo com a obra prima do insigne hebraista M. Schwab, tanto mais que, nem pela qualidade nem pela quantidade, se podem comparar os escassos documentos hebraicos existentes em Portugal com a riquissima e valiosa colecção dos que se conhecem no país vizinho.

Efectivamente, é de estranhar que tão pouco tenha ficado em Portugal que documentasse a grande civilisação hebraica que aqui floresceu, e principalmente no que diz respeito aos numerosos e valiosos incunábulos hebraico-portuguezes que se publicaram nas primeiras imprensas existentes em Portugal, que foram as hebraicas de Faro, Lisboa e Leiria.⁽¹⁾ De todo este abundante caudal de obras não existe, atualmente, em Portugal senão: umas duas folhas soítas e esparsas na Biblioteca Nacional de Lisboa,⁽²⁾ um volume no Porto e outro na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, enquanto haja em museus e bibliotecas estrangeiras muitíssimos exemplares de incunábulos hebraico-portuguezes.

É que durante os trez séculos do domínio da Inquisição em Portugal, o Santo-Ofício não se contentou ~~em~~ ^{com} queimar judeus e cristãos-novos, mas também destruiu implacavelmente livros e documentos hebraicos, e ainda em 1800, pouco antes de exailar o seu último suspiro, feram, por ordem da Inquisição, apreendidos na Alfândega de Lisboa muitos livros hebraicos antigos, penosamente recolhidos por qualquer colecionador, e queimados numa fogueira memorável...

(1) "Bibliografia dos Incunábulos Portuguezes", nos "Anais das Bibliotecas e Arquivos"; vol. I, nº. 3, pag. 186.

(2) Recentemente a Biblioteca Nacional de Lisboa adquiriu na Alemanha dois destes incunábulos, impressos por Rabi Eliezer Toledano, e cujos nomes e autores são:

"Comentário sobre o Pentateuco", por Rabi Mose ben Nahman (Nahmanides), Lisboa, 1489.

"Pentateuco", Livros 1º. e 2º., com a versão aramaica de Onkeios e o comentário de Rashi, Lisboa, 1491.

I

AS LÁPIDES HEBRAICAS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO DE LISBOA

É neste Museu que se encontra a maior colecção de lápides hebraicas e por elas encetaremos o nosso estudo.

Apraz-nos, todavia, antes de mais nada, registrar aqui os nossos fervorosos agradecimentos ao nosso bom amigo, o distintissimo Director deste Museu: Exmº. Sr. Coronel Francisco A. Garcez Teixeira, pela extrema amabilidade e valioso concurso que sempre nos dispensou no decorrer dos nossos estudos.

A colecção hebraica do Museu do Carmo consiste em quatro lápides, sendo três funerárias,- das quais uma relativamente moderna -, e uma belíssima inscrição da antiga sinagoga do Porto.

LÁPIDES FUNERÁRIAS

A mais moderna, (fig.1) é uma tumba sepulcral de calcário muitíssimo bem conservada, de $1,80 \times 0,66$ cujas letras têm $0,04$ de comprimento. Foi encontrada no Depósito de Marinha de Azinheira (freguesia do Seixal) e transferida, em 1902, para o Museu do Carmo, onde está catalogada com o nº. 3792.



Fig. 1

Transcrição:

מצבת
קבורת הבבhor יהודה
בן רימוד נלבע יום ה
כט תשרי ש התקעה
I. B.

Tradução:

- 1^a. linha: Lápide
- 2^a. linha: sepulcral do moço Iahudah
- 3^a. linha: Ben-Rimoh, que faleceu na 5^a. feira
- 4^a. linha: 29 de Tishri do ano de 5575.
- 5^a. linha: I(ahudah)B(en-Rimoh)

Observações:

A data hebraica indicada de 29 de Tishri de 5575, corresponde a 13 de Outubro de 1814 da era crística, e a família Ben-Rimoh ainda hoje existe em Gibraltar.

A abreviatura נלבע - 3^a. palavra, da 2^a. linha - corresponde a: נפטר לבית עולם, que significa literalmente: libertou-se para a casa da eternidade, maneira metafórica de dizer - faleceu-.

A abreviatura ט - 3^a. palavra, da 4^a. linha - corresponde a שנה, que significa ano.

Quanto esta lápide seja relativamente moderna, não deixa de ter um certo interesse histórico, visto que documenta a data aproximada da volta dos Judeus a Portugal depois da expulsão de 1497.

Este regresso devia ter começado nos fins do século XVIII, pois que a primeira lápide funerária hebraica, depois da expulsão, que se conhece em Lisboa, (cemitério dos ingleses), é de José Amzaiaq, que faleceu em 26 de Fevereiro de 1804.

A volta dos Judeus à Portugal, ainda antes de terminada a Inquisição, demonstra bem o amor dos Judeus portugueses pela sua antiga

Pátria, pois só assim se explica que voluntariamente se viesssem expôr ás perseguições do terrível tribunal que, comquanto já na decadência,⁽¹⁾ era ainda bastante de temer, como se prova com a proclamação da Inquisição, datada de 10 de Fevereiro de 1815, cujo original, devidamente autenticado com as respectivas assinaturas e selo branco, nos foi gentilmente oferecido pelo nosso bom amigo, o erudito major, Sr. G.L.Santos Ferreira.

A título de curiosidade transcrevemos aqui este importante documento:

(1) O decreto da Corte, abolindo o Tribunal da Inquisição, é de 31 de Março de 1821. O último auto de fé, celebrado em Lisboa, foi em ~~20 de Dezembro~~
Dezembro de 1768; mas em 1808, ainda houve perseguições e matanças de cristãos-novos em Bragança, Fozcoa, Moncorvo, etc; conforme reiata o Srº Lúcio de Azevedo, no seu livro "História dos Cristãos Novos Portuguezes", Lisboa, 1922; pag. 358.

OS INQUISIDORES APOSTOLICOS CONTRA A HERETICA PRAVIDADE e apostasia
nesta cidade de Chombra e seu districto etc. Fazemos saber aos que a
presente virem, ou deila por qualquer via tiverem noticia, que consi-
derando Nós a obrigaçao, que temos de procurar reprimir, e extirpar to-
do o delicto, e crime de heresia e Apostasia para maior conservação dos
bons costumes, e pureza da nossa Santa Fé Catholica; e sendo informados,
que algumas pessoas, por não terem perfeito conhecimento dos casos, que
pertencem ^{ao} Santo Officio, deixão de vir denunciar de alguns delles; e
desejando achar meio, para que os Fieis Christãos não fiquem com as suas
consciencias encarregadas, ao mesmo passo que se facilita a propagação
dos erros, e dos crimes, Nos pareceo mandar publicar de novo todos os
ditos casos com esta nossa Carta monitoria: Pela qual, Auctoritate Apos-
tolica, mandamos a todas , e quaequer pessoas Ecclesiasticas, Secula-
res, e Regulares, de qualquer grão, estado, preeminencia, ordem, e con-
dição que sejão, isentas e não isentas, em virtude de santa obediencia,
e sob pena de excommunhão maior ipso facto incurrenda, cuja absolvição a
Nós reservamos, que em termo de trinta dias primeiros seguintes, que lhes
assignamos pelas tres Canonicas admoestações, termo preciso, e perempto-
rio, dando-lhes repartidamente dez dias por cada admoestação, venhão de-
nunciar, e manifestar ante Nós o que souberem dos casos abaixo declarados.

Se sabem, ou ouvirão que algum Christão baptizado haja dito, ou feito
alguma cousa contra nossa Santa Fé Catholica: haja duvidado, ou sentido
mal de algum dos Artigos della, e de tudo aquillo que tem, crê, e ensina
a Santa Madre Igreja de Roma, ainda que saibão em segredo natural, como
seja fora da Confissão.

Que alguma pessoa depois de baptizada, negue, ou escarneça com pala-
vras, ou acções a verdadeira Religião, ou cubra a sua impiedade com o no-
me de filosofia ou de espirito forte, ou com outro qualquer, desprezando
toda a revelação, e pertendendo governar-se só pelos dictames da razão
natural, dizendo, ou dando a entender, que não ha mais que nascer, e mor-
rer, nem a esta vida se segue outra eterna, em que ha Paraizo para os

"bons, e Inferno para os máos. Que profira ou haja proferido alguma blasfemia contra Deos nosso Senhor ou contra algum dos seus Mysterios, ou contra a pureza da Virgem Santissima Nossa Senhora, não crendo que foi Virgem antes do parto, no parto, e depois do parto."

"Que siga, ou haja seguido em algum tempo, a maidita seita de Mafamede,⁴ observando algum dos preceitos do seu Alcorão."

"Que tenha, ou haja tido crença da Lei de Moysés, não reconhecendo a Christo JESUS nosso Redemptor por verdadeiro Deos, e Messias promettido aos Patriarcas, e profetizado pelos Profetas, praticando os ritos, e cerimonias Judaicas, abstendo-se das cousas prohibidas na Lei velha, observando os jejuns, que os Judeos costumão jejuar, solemnizando suas Pascoas, ou fazendo outro algum acto, que se conheça ser da dita Lei de Moyses!"

"Que tenha, ou haja tido por boas as Seitas de Luthero, e Calvino, e de outro qualquer Heresiarcha dos antigos e modernos condemnados peia Igreja."

"Dizendo, e affirmando que o homem não tem liberdade para livremente obrar, ou deixar de obrar o bem, e o mal; ou que a Fé sem obras basta para a salvação da alma; e que nenhum Christão baptizado, e que tenha Fé, pôde ser condemnado; ou que não são peccados mortaes alguns dos que a Igreja declara por tales, como a onzena, e a fornicação simples."

"Sentindo mal de algum dos Sacramentos da Santa Madre Igreja, como negando, ou duvidando estar real, e verdadeiramente o Corpo de Nosso Senhor JESU Christo no Santissimo Sacramento da Eucaristia, e dever ser venerado, com a mesma adoração, que é devida a Deos."

"Negando, ou duvidando serem as pessoas obrigadas por preceito Divino a confessarem seus peccados aos Sacerdotes, affirmando que basta confessarem-se a Deos."

"Negando, ou duvidando que haja Purgatorio, em que as almas, que neste mundo não satisfazem inteiramente as culpas, são purgadas primeiro que vão gozar da Bemaventurança, ou que a estas almas aproveitem os

✓ suffragios da Igreja, como Missas, Orações, e esmolas.

✓ Negando ao Summo Pontifice a primazia aos outros Bispos; e á Igreja o poder de conceder Indulgencias e a estas a efficacia de aproveitarem ás almas!

✓ Negando haverem de ser venerados os Santos, e tomados por nossos intercessores diante de Deos, ou recusando a veneração ás suas Reliquias, e Imagens.

✓ Negando a obrigaçao dos jejuns nos tempos ordenados peia Igreja, ou sentindo mal dos Votos, Religiões, e Ceremonias approvadas peia mesma Igreja.

✓ Se sabem, ou ouvirão que alguma pessoa mostre nas accões sentir mal, ou escarnecer dos Sacramentos, assim como da Ordem, e do Matrimonio, celebrando Missa, ou confessando sacramentalmente sem ter a Ordem de Presbytero, ou casando-se publicamente em face da Igreja, depois de ter feito voto soiemne de castidade, ou recebido Ordens Sacras, ou casando segunda vez, sendo vivo o primeiro marido, ou mulher.

✓ Se sabem, ou ouvirão que aigum Confessor Secular, ou Regular, de qualquer dignidade, ordem, condição, e preeminencia que seja, haja commettido, solicitado, ou de qualquer maneira provocado para si, ou para outrem actos illicitos, e deshonestos, assim homens como mulheres, no acto da Confissão sacramental, antes, ou depois delle immediatamente, ou com occasião, ou pretexto de ouvir de Confissão, ainda que a dita Confissão se não siga, ou fóra da Confissão no confessionario, ou lugar deputado para ouvir de Confissão, ou outro qualquer escolhido para este effeito, fingindo que ouvem de Confissão.

✓ Se sabem, ou ouvirão, fora da Confissão, que aigum Confessor Secular, ou Regular perguntasse no acto da Confissão Sacramental aos penitentes os nomes dos cōplices do seu peccado, e o lugar, onde assistem, negando a absolviçao aos que assim não declararem, ou tenhão por licita semente doutrina.

✓ Se sabem de aiguma pessoa, ou pessoas, que tiverem commettido, o ne-

fando, e abominavei peccado de sodomia".

"Se sabem, ou ouvirão que alguma pessoa exercite a Astrologia Judicaria, ou faça feiticerias, ou quaisquer superstições, usando mal a este fim de cousas sagradas, pretendendo ter pacto tacito, ou expresso com o diabo, invocando-o , ou venerando-o."

"Se sabem, ou ouvirão que algumas pessoas façao, ou por qualquer modo concorrão para se fazerem ajuntamentos, aggregações, ou conventicuios intituiados De Liberi Muratori, ou Francs Maçons, vulgo Pedreiros Livres ou com outro qualquer titulo, conforme a variedade dos idiomas."

"Se sabem, ou ouvirão que alguma pessoa, sem iigitima licença, comprasse, ou vendesse, tenha, ou ieia Livros, ou escritos, que claramente contenham quaque dos sobreditos erros, ou sejam prohibidos, ou embaraçados para correrem pelo Tribunal competente."

"Se sabem, ou ouvirão que alguma pessoa penitenciada pelo Santo Officio por culpas, que neile haja confessado, dissesse depois que confessara falsoamente ou que não havia commettido, ou descobrisse o segredo, que passara na Inquisição, ou detrahisse a authoridade, o recto ministerio do Santo Officio."

"As quais coustodias, e cada huma deilas, que souberem por quaque via sejam commettidas, ou daqui em diante se commetterem, as virão denunciar na Meza do Santo Officio, por si, ou por interposta pessoa; e nos lugares, onde houver Commisario do Santo Officio, denunciarão diante deile; e onde os não houver, cada qual a seu Confessor, o qual dentro do mesmo termo será obrigado ao fazer saber ao Santo Officio; e passado o dito termo de trinta dias, não vindo fazer denunciação do que souberem (o que Deus não permitta) por estes presentes escritos pomos em suas pessoas, cujos nomes e cognomes aqui havemos por expressos, e declarados, excommunhão maior, e os havemos por requeridos para os mais procedimentos que contra eiles mandarmos fazer, conforme a Bulla da Santa Inquisição, além de incorrerem na indignação de Omnipotente Deus, e dos Bemaventurados S. Pedro, S. Pauio, Principes dos Apostolos. E sob a mesma pena

mandamos, que pessoa alguma não seja causada a impedir, ou aconselhar
que não denunciem, ameaçando, subornando, ou fazendo algum mal aos que
quierem denunciar, ou houverem denunciado, ainda com pretexto de ser
necessaria a licença dos Prelados maiores, sejam Seculares, ou Regulares.

E com a mesma autoridade Apostólica mandamos com pena de excommunicação
maior, e de cincuenta cruzados aplicados para as despezas do Santo Ofício,
a todos os Piores, Vigarios, Reitores, Curas, e mais pessoas Ecclesiasticas, Seculares, ou Regulares, a quem esta nossa Carta for
apresentada, que no dia, e hora, que lhes for apontada a reunião, ou fa-
ção ler em suas Igrejas em voz alta, e inteligível, para que venha à
notícia de todos, e não haja quem possa alegar ignorância.

Esta mesma Carta mandará pôr ~~na~~ em huma taboa, e a guardará cada
hum em a Sacristia da Igreja, ou Convento, na qual estará sempre, e nos
anos seguintes a ierá, e publicará na primeira Dominga de cada Qua-
resma. E requeremos da parte da Santa Sé Apostólica aos Senhores Arcebis-
pos, Bispos, e Reverendos Cabidos, Sede vacante, e Prelados maiores das
Sagradas Religiões, que façam pôr com os mais Capituos ~~possessos~~ de visi-
tações hum, para que os Senhores Visitadores perguntem nas ocasiões de
visita, se os Parocos, ou Prelados menores cumprem com as suas obriga-
ções, publicando esta dita Carta na forma, que ordenada ; e achando que
alguns se descuidarão nesta parte, façam sumário, que Nos será enviado,
para procedermos contra eiles, conforme seu descuido, ou culpa merecer.

Dada em Coimbra no Santo Ofício sob nossos signaes, e selo delle
aos dez dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e quinze annos.
José de Jesus Pereira a subscrevi.

Luis Rebello de Albergaria Monterro - José Paes de Sá Menezes.

(selo branco da Inquisição com a divisa:
IN HOC SIGNO VINCES)

Esta proclamação provém da Igreja da Misericórdia de Coimbra .

As restantes duas lápides, que deram entrada no Museu do Carmo ainda no ano de 1874, têm estado inéditas, até agora, por um acaso muito curioso, que achamos interessante relatar:

Diz o Sr. J. da Silva:⁽¹⁾ "Logo que vieram (as duas lápides) para o Museu do Largo do Carmo, tiramos cópias fieis (sic) d'esses caracteres, para se consultar os principaes epigraphistas de Londres, Paris e Itália; vafim de se conhecer a sua verdadeira significação. Por enquanto apenas se julga pertencer a um monumento funér~~lo~~; mas esperamos receber uma interpretação completa sobre esta singular inscrição; comtudo, não de- sejando privar por mais tempo os leitores deste Boletim, do conhecimento de tão curiosa descuberta damos esta succinta noticia."

Porém os leitores deste Boletim nunca receberam a prometida interpretação, visto que os epigrafistas estrangeiros não conseguiram decifrar nada das cópias "fieis" que lhes foram enviadas, apesar de que as inscrições originais são bastante nítidas e legíveis.

Foi-nos dado ver uma destas cópias litografadas em 1874, e constatamos que as ditas cópias eram, efectivamente, tão "fieis" que mesmo todos os traços e defeitos do corte das pedras figuravam misturados com as inscrições, numa confusão de tal ordem, que nada se podia decifrar, a não ser que se tratava dumas inscrições funerárias hebraicas.

Por esta razão nos cabe o grande prazer de poder traze-las, pela primeira vez, apoz a sua descoberta em 1874, á luz do dia.

Estas lápides foram achadas no lugar de Espiche, próximo de Lagos, onde deviam ter servido de tronco de ferrari~~.....~~, a julgar pelos seis furos circulares, tres em cada pedra, separados uns dos outros e correspondentes, na mesma altura, dois a dois, como se pode ver nas figs. 2 e 3.

(1) "Descoberta rara feita no Algarve", já cit., pag. 44

Como dissemos, são elas Iousas sepulcrais, provenientes provavelmente, do antigo cemitério judaico de Espiche, e abertas em pedras calcárias, de forma prismática, sendo a parte externa formada, numa delas por três faces de 0^m,20 de largura cada uma, e na outra por duas faces de 0^m,30, faces sobre as quais foram gravados os caracteres.

As inscrições, como veremos, não têm nenhuma indicação de data, mas

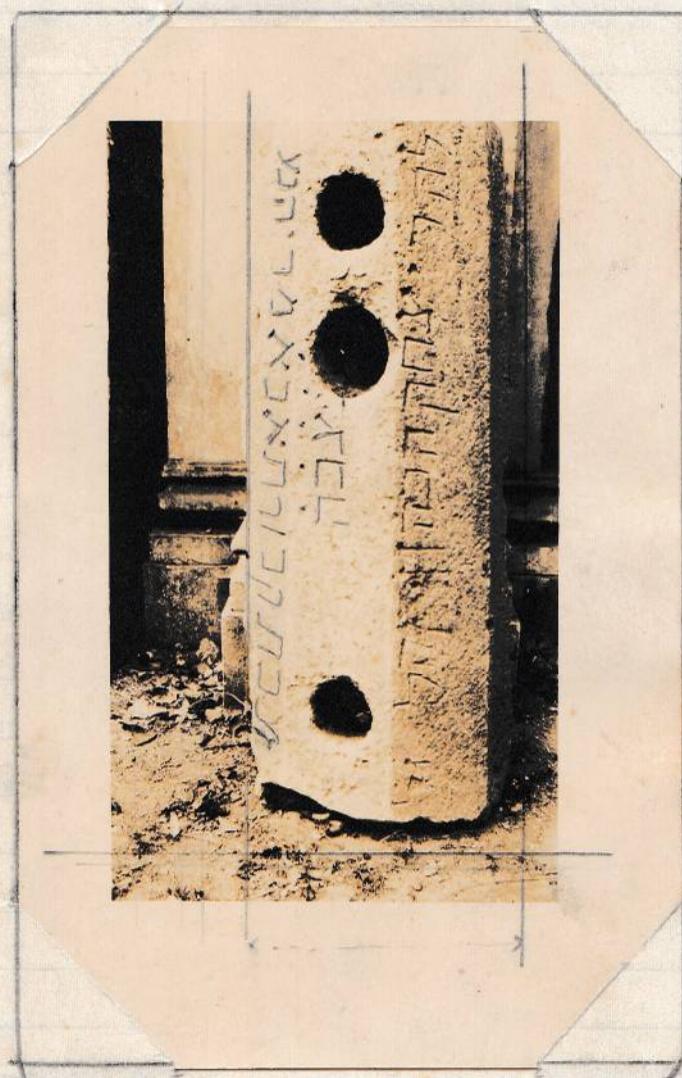


Fig. 2

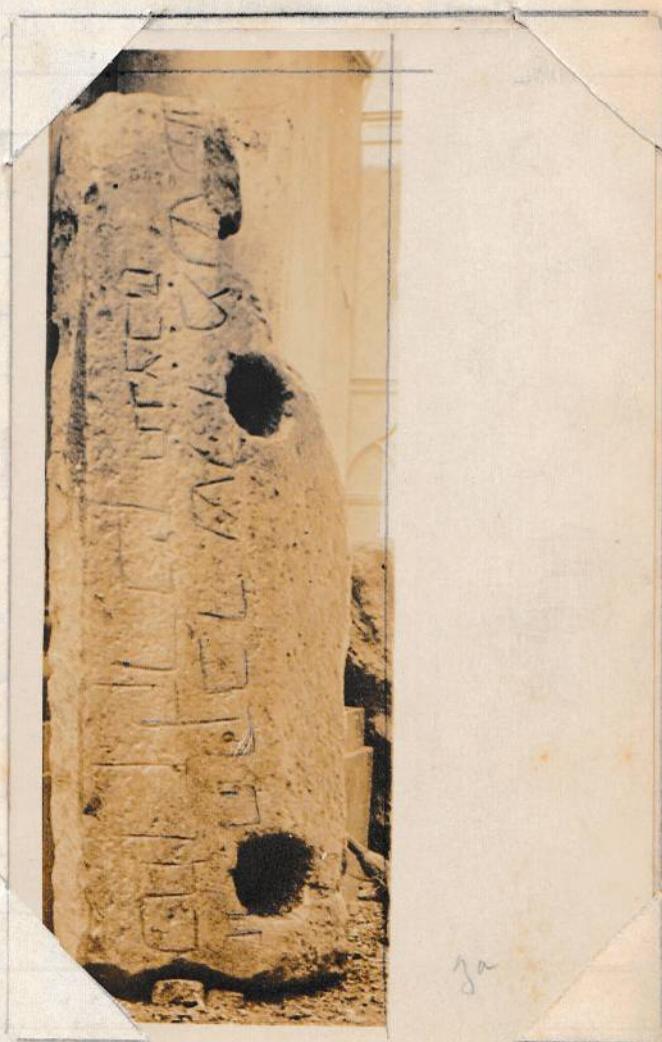


Fig. 3

basta examinar a forma primitiva dos caracteres, para ver que se trata ~~dumas~~ das inscrições antiquíssimas, devendo ser as duas, ainda que gravadas por artistas diferentes, da mesma época aproximadamente.

Como resultado das nossas investigações grafológicas, para poder determinar a época ^aaproximada que pertencem, encontramos na "Jewish Ency-

ciopedia", na palavra "Manuscripts" e no desenho-tipo nº. 2 uns caracteres quase idênticos aos destas inscrições, e que vêm classificados como "square - writing, early oriental -", usados nos séculos VI a VII. Por esta referência pode-se deduzir a grande antiguidade destas inscrições, que constituem com a lápide encontrada em Tólosa (província de Valência, Espanha),⁽¹⁾ também atribuída ao século VI, os documentos hebreus mais antigos que se conhecem, até agora, na Península Ibérica.

Examinemo-las cada uma separadamente:

A de três faces,^(fig. 2) mede 1m40 x 0m60, sendo as letras de 0m07 de comprido, e está catalogada com nº. 3877.

Transcrição:

מצבת קבורה אבא מרים נעל
תְּנַצְּבָה
להך יצחק הכהן יקהל זל

Tradução:

1ª. linha: Lápide sepulcral de Aba Marieh, que a sua alma esteja exaltada.
no paraíso.

2ª. linha: Descansa em paz

3ª. linha: Do Rabino Isaac Hacohen, filho de Iakhai, benedita seja a sua memória.

Observações:

Notam-se nesta lápide duas inscrições, abrangendo uma a primeira linha, e outra as duas linhas restantes? Cada inscrição refere-se a uma pessoa, o que demonstra a pobreza da comunidade judaica de Espiche, nesta época, visto que a mesma lápide serviu para duas pessoas.

Do exame das inscrições se conclui também, que não foram feitas ao mesmo tempo, mas sim em ocasiões diferentes e por artistas diferentes.

As diversas abreviaturas que figuram nesta inscrição, e que se distinguem pelos pontos colocados sobre as letras, são todas as que ainda, atualmente, se usam correntemente nas inscrições hebraicas, e correspondem às

(1) M. Schwab, obra já cit. pag. 235

palavras seguintes:

נֶעָם - no fim da 1^a. linha - equivale a **נְשָׁמָחּוּ עַדְן** e significa: a sua alma (esteja) no paraíso.

תְּנִצְבָּה - da segunda linha, corresponde a:

תְּהִיוּ נְשָׁמָחּוּ צְדוֹרָה בְּצָרוֹת הַחַיִּים

o que , na tradução literal , significa: seja a sua alma ligada ao feixe da vida , correspondendo, esta fórmula hebraica, á fórmula - R.I.P.- dos latinos.

ר - 3^a letra da 3^a linha, corresponde a **רָב** (Rab ou Rabi), que é título vulgarmente usado entre os hebreus, como o Don dos hespanhois.

בָּן - 12^a letra da 3^a linha, corresponde a **בָּן**, (Ben ou Ibn), que significa : filho de.

לְמִזְמָרָה - , última palavra da 3^a linha, corresponde a **לְבָרְכָה** e significa; bemdita seja a sua memória.

(fig. 3)

A segunda destes lápides, muito semelhante á primeira, mas um pouco mais deteriorada, tem , como já dissemos , duas faces, encontrando-se as duas linhas da sua inscrição gravadas , apenas , numa delas.

Mede 1^m,45 x 0^m,60 , e está catalogada como nº 3878 .

Transcrição:

**זה הקבר של ר' מישאל
כהן קרבין תְּנִצְבָּה**

Tradução:

Moshnuna

1^a linha: Esta tumba é de Rab ~~מישאל~~... (?)

2^a linha: Cohen, filho de Karbin, descansa em paz.

Observações:

Aqui encontramos tambem as abreviaturas : **ר'** , **בָּן** e **תְּנִצְבָּה** que ja explicamos. Esta lápide acha-se bastante mutilada pelos buracos que suprimiram algumas letras, mas que , felizmente, se podem facilmente deduzir. Porém, a útima palavra da primeira linha está bastante deteriorada,

podendo-se ler, apenas, do nome do defunto, as primeiras letras: Mosh.; que, a julgar pelo espaço que fica, podia ser Moshe, Moshnuna ou cousa parecida.

INSCRIÇÃO DA SINAGOGA DE MONCHIQUE, NO PORTO

É, sem dúvida, esta lápide a mais interessante e a mais perfeita de todas as que se conhecem em Portugal, até agora.

Provém da antiga sinagoga de Monchique, no Porto, perto do sitio que, ainda hoje, se denomina Monte dos Judeus.

Sobre esta inscrição se têm feito vários estudos, sendo o mais importante, o que vem publicado no Arquivo Histórico Portuguez, vol. II, 1904, pag. 188 e 419, por Sousa Viterbo, com a colaboração do distinto professor hebraísta Sr. José Benoliel, e do qual, com a devida vénia, extraímos alguns dados históricos.

A primeira sinagoga, que parece ter sido edificada no Porto, foi a de Monchique, fora do recinto da cidade, por não ter sido, provavelmente, autorizada a sua construção dentro da cidade, como devia ter também sucedido com a sinagoga de Beimonte, de que adiante faremos.

Só mais tarde, é que a Câmara Municipal do Porto autorisou a edificação da nova e última judiaria dentro do recinto da cidade, no campo do Oiival, onde existe, atualmente, o templo de S. Bento da Vitória.

No seu opúsculo - A Synagoga do Porto -, o Sr. Cherubino Lagoa transcreve resumidamente do Arquivo Municipal do Porto, o contrato que sobre este assunto, se celebrou entre a Câmara e os judeus, com a autorização de D. João I, a 2 de Julho de 1426, da era de Cesar, ano de Cristo, 1388.

Quanto á sorte da antiga sinagoga de Monchique, não se sabe por que razão D. João I fez deia mercê, em 1410, a Gil Vaz da Cunha. (1)

Não é plausível admitir, como pensa o Sr. Sousa Viterbo, que, por um convénio especial com D. João I, abandonassem os judeus do Porto a sua

(1) História Seráfica, por Fr. Fernando da Soledade, 4^a. parte, cap. XIV, pag. 305.

antiga sinagoga a favor de el-rei, em troca da autorização de construir uma nova judiaria dentro do recinto da cidade;

Somos mais inciinados a pensar que o Mestre de Aviz, tendo adoptado como norma da sua politica o conselho que lhe dera o seu velho amigo Alvaro Paez: "dai aquillo que não é Vosso, promettei o que não tendes e^uperdoai a quem Vos errou"⁽¹⁾, tinha seguido o mesmo sistema para com a sinagoga de Monchique, doando-a, sem mais forma de processo, a um dos seus fidaigos, em paga dos seus serviços.

Fora de razões politicas, qualquer pretexto servia para desapossar os judeus dos seus bens. Assim, uma simples denúncia que um judeu tinha comprado ouro, prata ou moedas, o que lhes era proibido nesta época, bastava para que o denunciante fosse logo investido dos bens do judeu acusado.⁽²⁾

Esta facilidade de procedimento e a cobiça das avultadas fortunas que os judeus possuiam, devia ter dado lugar a muitos abusos, a ponto de obrigar D. João I a atenuar esta lei de doações dos bens dos judeus, no sentido de reprimir os abusos.

Este texto de lei começa assim:

"Algūus da nossa Corte e outros algūuns nos pediram algūus bées d'al-^ugūus judeos, dizendo que os seus bées eram nossos e os podíamos dar de^udereito, por quanto compraram ouro, ou prata, ou moedas contra nossa defe^uza."⁽³⁾

São estas a^razões que nos induzem a pensar que a sinagoga de Monchique tambem, devia ter sido esbuihada aos judeus, á sombra de qualquer faisa de^unúncia ou da conveniência régia.

(1) Mendes dos Remédios, obra já cit^a, pag. 198.

(2) Idem, idem idem,, pag. 218.

(3) "Historia Social, Política y Religiosa de los Judios de España y Portugal", por D. Jose Amador de los Rios, Madrid, 1876, tomo II, pag. 418.

Os sucessores de Gil Vaz da Cunha adaptaram, em 1534, o edifício da antiga sinagoga para um convento de freiras da ordem observante de Santa Clara. Em 1875, foi este convento vendido em hasta pública ao industrial Joaquim Guimarães Messener e transformado num depósito industrial e mercantil... Sic transit gloria mundi.



Fig. 4

Em 3 de Fevereiro de 1875, ^{foi} a referida lápide, que estava colocada no muro interior do extinto convento a "altura conveniente para poder ser lida", - o que parece provar que não foi deslocada da sua primitiva posição no edifício da antiga sinagoga-, ~~foi~~ transferida para o Museu do Carmo, onde ocupa um lugar de honra no centro d'um belo pôrtico Renascença.

Esta lápide, (fig. 4), é de granito, mede 1,54 x 0,63, sendo o comprimento das letras do 0,04. A primeira linha da inscrição começa a uma distância de 0,065 da aresta superior, terminando, a última linha, a 0,08 da aresta inferior, deixando duas margens também de 0,08.

Está catalogada com o nº 2313.

Transcrição:

אשר יאמר איד לא נשמר בית נאמר בהוד חומה
הלא יודע כי לי מודע אשר יודע רמי קומה
אותו שומר הלא אמר קל וחומר אני חומה
גדול היהודים נביר הנודים בעמוד נגידים והנו נצלב
דורש טוב לעמו עבדאל בזומו בנה בית לשמו אבני מצב
למלך משנה בראש הוא נמנה בנדלו ולפניהם מלכים יתיצב
הוא הרב דון יהודה מניר נר יהודה ולו אותה הנסוכה
במאמר הרב שיחיה דון יהוסף אריה פקיה נעד על הכל

Tradução:

- 1^a. linha: Que (se aiguem) disser: 'Como não foi resguardado' este edifício' dentro dum recinto?"
- 2^a. linha: Que saiba' que tenho um amigo' que priva' com altas personagens"
- 3^a. linha: Que me guarda,' e que dirá:' Decerto,' eu sou (o teu) muro (protector)."
- 4^a. linha: (Ele é) o mais eminentes dos judeus, ' forte entre os guerreiros,' ^{poderoso} entre os ricos' ele é potestado."
- 5^a. linha: Benéfico protector do seu povo,' serve Deus com zelo;' edificou um templo em honra de Ele,' de pedra talhada."
- 6^a. linha: Ministro de El-Rei,' ocupa o primeiro lugar' em grandeza, e na presença dos reis ele tem (o seu) assento."
- 7^a. linha: É o Rabino Don Yahudah' ibn Maner,' iuez dos hebreus,' e a ele compete a suprema autoridade."
- 8^a. linha: Por ordem do Rabino, que viva,' Don Joseph ibn Arieh,' intenedente e encarregado da obra."

Observações:

Esta inscrição é uma poesia dum estilo especial, complicado e forcado, muito usado na Edade- Média, pelos poetas sacros ibéricos. Os traços simples (') marcam os finais de cada verso, e os duplos (") os finais

de cada estrofe.

A respeito do valor poético e literário desta inscrição, obra dum poeta desconhecido, diz o Sr. José Benoliel, no mencionado estudo do Sr. Sousa Viterbo:

"O estylo é fraco, forçado e pouco correcto; as rimas não primam pela variedade nem riqueza, e a medição oferece várias irregularidades. Em summa, não é obra de poeta nem de grammatico."

Mas apesar do fraco valor literário desta inscrição, ela é, contudo, sob este ponto de vista, superior a da sinagoga de Lisboa, como adiante veremos.

— Quanto á época da construção da sinagoga de Monchique, diz o Sr. Sousa Viterbo:

"Ignora-se, tambem, a época em que a synagoga foi erigida, pois não dá indicação nenhuma a este respeito a sua inscrição commemorativa."

Efectivamente, como vimos, a lápide não contém outra referência cronológica, senão a indicação dos nomes dos dois benfeiteiros que pretendia perpetuar: o do ministro Don Iahudah ibn Maner, e o do rabino Don Joseph ibn Arieh.

Pelo estudo gráfoiológico da inscrição, comparando-a com as das antigas sinagogas de Lisboa e de Belmonte, que, como adiante veremos, são do fim do século XIII, chegamos á conclusão, tanto pelo estilo da composição, como pela forma mais perfeita e mais moderna das metras, que a inscrição da sinagoga de Monchique, é, sem dúvida, posterior á de Lisboa, e, por conseguinte, posterior ao fim do século XIII. Por outro lado, ela é, forçosamente, anterior a 1410, ano em que ^{a sinagoga} foi transformada em vivenda senhorial, por ordem de D. João I.

No reinado de D. Fernando I, encontramos como almoxarife-mór e arrendador-mór de Portugal, em 1375, a D. Iahudah ben Moise Navarro, tendo como representante no Porto o rabi D. Joseph ben Abasis.⁽¹⁾

Ainda que estes nomes não correspondam pelo que respeita aos apelidos,

(1) Mendes dos Remédios, obra cit. pag. 163.

aos da inscrição, a circunstância da coincidência da época, em que viveram, com a era provável da lápide, leva-nos a crer que se trate das mesmas pessoas. Não nos atrevemos, todavia, a afirmá-lo categóricamente, por quanto para isso teríamos de admitir que tenha havido erro nos apelidos por parte do historiador.

Um outro ponto debatido pelos diversos comentadores desta lápide e principalmente pelo Sr. Benoilel, é sobre se a sua ⁵inscrição é completa ou não.

Como verificamos no relato do Sr. Sousa Viterbo,⁽¹⁾ não lhe foi possível obter uma reprodução fotográfica da dita lápide e teve que recorrer a um decalque de gesso.

Deu-se o caso que o referido decalque, como se verifica na fotografia inserta no citado estudo, não abrange a lápide inteiramente, mas apenas se limita a reproduzir o texto na íntegra, faltando o espaço livre superior que tem na lápide 0^m,065 de largura.

Este facto levou o Sr. Benoilel a supor que a lápide estava incompleta porquanto diz ele:⁽²⁾

"Da inscrição que possuímos, e actualmente se conserva no Museu do Carmo, falta o princípio, suprimido pelos que, para tirar partido da pedra - grande demais para o que a destinavam -, tiveram de a desbastar, como se vê da irregularidade da parte superior da lápide e da falta da margem nesta parte, onde estheticamente era mais precisa, desde que essa margem foi respeitada nos outros trez lados da inscrição."

E nesta sugestão, baseou, o Sr. Benoilel, uma série de considerações, que caem pela base, visto que a lápide está absolutamente completa.

(1) Pag. 191 da obra citada.

(2) " 420 " " "

INSCRIÇÃO DA SINAGOGA DE BELMONTE

Foi numa doce e quieta tarde de primavera, descendo do alto da colina que domina Castelo Branco, posta ainda mais em relevo pelas esbeitas ruínas da Torre de Menágem e de alguns fracos vestígios da antiga cidadela, que erramos tristes e pensativos através do labirinto das ruas estreitas e abruptas, onde antigamente se estendia a importante e industriosa judaria de Castelo Branco.

Pouco ou nada deve ter ficado desses tempos antigos a não ser os descendentes de algumas famílias judaicas, como são os: Paivas, ~~XXXXXX~~ Pessoas, Siivas, Rodrigues, Morões, Campos, Tavares, Henriques, etc., que produziram uma importante geração de ilustres sábios, médicos eminentíssimos e importantes industriais.

O vulto judaico mais eminente que teve o berço nesta cidade, foi o grande clínico de fama mundial João Rodrigues de Castelo Branco, universalmente conhecido pelo seu pseudónimo Amatus Lusitano.

Este grande sábio português que chegou a ser uma eminência médica mundial, foi perseguido na sua Pátria, pelo "crime" de pertencer a uma família de cristãos-novos, a ponto de ser obrigado, para escapar as torturas da Inquisição, a abandonar para sempre a sua Pátria-mãe.

Chegando a terras estrangeiras mais hospitalícias e retomando a sua antiga fé judaica, não hesitou em ligar ao seu antigo apelido hebraico de Habio (Amatus) o nome da sua terra de origem - Lusitano - honrando assim com a sua glória universal a Nação Judaica e a sua Pátria Portuguesa. Nasceu em Castelo Branco em 1511 e faleceu em Salónica em 1568.

Absortos por estas tristes e longínquas reminiscências do glorioso passado de Castelo Branco, penetrarmos no Museu Municipal, que tem o nome do seu fundador, Francisco Tavares Proença Júnior.

Quai não foi a nossa surpresa ao encontrar logo à entrada do Museu, uma lápide com uma bela e nítida inscrição hebraica que se conservava

desconhecida entre diversos monumentos préhistóricos.

Graças à gentileza e amabilidade do atual Director do Museu, Exmº. Sr Dr. Manuel de Paiva Pessoa, podemos tirar a lápide para fora da penumbra



Fig. 5

da saia da exposição e examina-la á luz do dia.

Tem ela (fig. 5) $0^{\text{m}}{,}58 \times 0^{\text{m}}{,}40$ e letras de $0^{\text{m}}{,}045$ a $0^{\text{m}}{,}04$ de comprimento.

A sua inscrição é um versículo da Biblia: Liber Habakuk, cap. 2, vers. 20.

Transcrição:

וַיְיִבְהֶכְלָ
קָדְשׁוֹתָ
מִפְנֵיו כָּל הָא
רֶץ

Tradução:

- 1ª. linha: E Adonai (Deus) ^(esta) no seu templo.
2ª. linha: sagrado, emudece

3^a. linha: perante Eie toda a ter-

4^a. linha: ra.

Observações:

Esta inscrição que, como se vê, pertenceua uma sinagoga foi, segundo uma resumida indicação deixada pelo falecido fundador do Museu, achada em Beimonte (Beira-Baixa).

Da forma antiquada das ietras, assim como da maneira abreviada como está escrita a primeira palavra - ADONAI -, e tambem da divisão da última palavra, divisão que raras vezes se emprega nas inscrições hebraicas, deduz-se a grande antiguidade deste documento.

Examinando mais atentamente a inscrição, tivemos a grande prazer de achar a sua data exata, peia indicação que tem na segunda palavra da primeira linha.

Efectivamente, sobre esta palavra distingue-se um ponto, estando ainda a última ietra um pouco mais afastada, o que se emprega habitualmente nas inscrições hebraicas para chamar a atenção, e indicar que fóra da sua significação literal, a palavra tem ainda outra, neste caso numérica, e que é a indicação de que a soma das suas ietras representa o ano da inscrição, visto que, em hebraico, como em latim, as ietras representam tambem algarismos.

A soma das ietras desta palavra, prefaz 57, subentendendo-se conforme o costume judaico, o algarismo dos milhares, que é de 5000, indicando assim o ano de 5057 da era hebraica que corresponde a 1297 da era cristã.

A aliudida palavra, representativa do ano, que significa - no templo-, está escrita בָּהִיכְלָן em vez de בָּהִיכְלָל, como devia ser, isto é, falta a ietra ל (iude) entre a segunda e terceira ietras.

Esta ietra ל, que é muda, não prejudicando por isso em nada a pronúncia da palavra com a sua supressão, deve ter sido intencionalmente suprimida para que a soma das ietras prefizesse exactamente o número do ano.

A abreviatura da primeira palavra - ADONAI - (Deus), tambem é muito

(1) O hebraico lê-se da direita para a esquerda.

curiosa, aparecendo aqui escrita com trez iudes, dispostos em forma de triângulo isóceles (▲).

Efectivamente na escrita hebraica moderna, escreve-se a abreviatura de Adonai só com dois iudes (אֲדֹנָי), mas na escrita antiga, tanto nos incunábulos hebraicos impressos em Portugal desde 1485¹⁴⁸⁵, como — na inscrição da sinagoga de Lisboa, tambem dos fins do século XIII, esta abreviatura aparece com trez iudes, umas vezes ligados com um traço, outras sem elas (אֲדֹנָי אֲדֹנָי אֲדֹנָי), forma cabalistica que por si só, demonstra a antiguidade e a origem sefardita-ibérica da inscrição.

É tambem digno de mencionar, que a última ietra da 3^a. linha (ו) está escrita na sua forma chamada fenicia, como aparece nos incunábulos, na escrita cursiva dos comentadores Nahmánides e Rashi.

A divisão da última palavra יְהֻדָּה (a terra), com as duas ietras finais na 4^a. linha, é muito rara e até imprópria para um hebraista, o que prova a inexperiência, e mesmo a pouca cultura hebraica do gravador.

Restava-nos descobrir o sitio exacto donde provém esta lápide, para ver se por este meio podíamos achar o edifício da antiga sinagoga de Beimonte.

E foi com não pouca dificuldade que conseguimos afinal averiguar, em Beimonte a proveniência exacta da nossa lápide. O defunto colecionador Sr. Francisco Tavares Proença Junior, achou-a em 1910, numa casa particular antiga, pertencente agora ao Exmº. Sr. José Alves Padeses que gentilmente fez presente da lápide ao Museu de Casteio Branco e tambem com muita afabilidade nos comunicou, o que, por tradição de familia sabia sobre a sua exata proveniência:

Esteve ela, há mais de 120^{anos}, aproximadamente, encimando a porta duma antiga capela já toda em ruínas, nessa época, chamada de S. Sebastião, e que se encontrava num largo, fóra do recinto da povoação, chamado ainda hoje Largo de S. Sebastião, onde actualmente se encontra a escola primária oficial.

Esta capela, que era, sem dúvida, a antiga sinagoga de Beimonte e devia

ter sido incendiada, como se vê pelos traços de fogo, que se observam na face traseira da lápide. Como a dita capela já estava em ruínas há 120 anos, os donos do terreno, atraídos pelo mistério da inscrição, que não sabiam decifrar, levaram-na para casa onde se conservou mais dum século.

O resto do edifício da dita capela, ficou completamente desmantelado, conservando-se apenas o seu nome dado ao Largo onde fora edificada.

Investigando o dito Largo de S. Sebastião, achamos numa parede dum olival próximo, muitas pedras dum feitio antigo caraterístico de portas e janelas, que deviam ter pertencido à sinagoga que por completo desapareceu.

Porém, na mesma povoação de Beimonte, tivemos a grande

Fig. 6

honra e inexprimível satisfação, de poder assistir numa noite de sexta-feira, a uma reunião de chamados cristãos-novos, que, como antigamente, ainda continuam a celebrar, em segredo, a entrada de Sábado, bem como as diversas festas e jejuns judaicos, com resas, em língua portuguêsa, e cerimónias conforme a tradição judaica.

A antiga sinagoga de Beimonte desapareceu, mas não o judaísmo dos descendentes dos antigos judeus, chamados injustamente, a nosso ver, CRISTÃOS-NOVOS⁽¹⁾, porquanto ficaram, na alma, no coração e na raça, tão JUDEUS, como nós.

(1) Ver na pag seguinte.

Na fig. 6 se pode observar quão puro se tem conservado, ~~ainá~~ até hoje, o tipo judaico, nos cristãos-novos.

É a fotografia do Sr. António de Sousa, ^{Ferreira}, um dos mais idosos cristãos-novos de Belmonte, e tambem um dos que se orgulha com a sua origem judaica, que nos aparece como que ressuscitado das chamas da Inquisição.

Esta fotografia foi tirada no Largo de S. Sebastião onde, como se disse, existiu a sinagoga.

-----C000000000-----

(1) A designação de marranos, que os judeus aplicavam aos cristãos-novos deriva do hebreu (Mare-ain) מַרְאֵן, cuja tradução literal é cristãos na apariência (para a vista). Não tem, por consequência a significação depreciativa que se lhe atribui no extracto da obra "Sentinela contra Judeus" inserto no apêndice da História dos Cristãos Novos Portugueses por J. Lúcio d'Azevedo, Lisboa, 1922.

LÁPIDE SEPULCRAL ANTIGA DO CEMITÉRIO JUDAICO DE FARO

Esta lápide (fig. 7), foi achada no lugar do Espaidão, em Faro, tendo sido incorporada no muro do atual cemitério judaico desta cidade, e encontrando-se — decaídas; no Museu Arqueológico de Faro, — no Museu Etnológico Portuguez de Lisboa, e no Museu do Louvre.

Tem 0^m,35 x 0^m,27 e os caracteres são do comprimento médio de 0^m,03.

Foi já publicada, em 1903, pelo eminente arqueólogo Sr. Cardoso de Bethencourt, com alguns pequenos erros de trans-

crição e de interpretação das abreviaturas, que aqui rectificamos.

Transcrição:

בְּיוֹם חַמֵּשׁ שָׁשָׁה
עַשֶּׂר יוֹם לְשִׁבְט
שָׁנָת חַמֵּשׁת אֱלֹהִים
וְחַמֵּשׁ וְשָׁבָטִים נִפְטָר
הַנְּכָבֵד רְאֵי יוֹסֵף דִּימּוֹן
נְבָתָן וּנְקַבֵּר בְּקַבְרוֹנָה

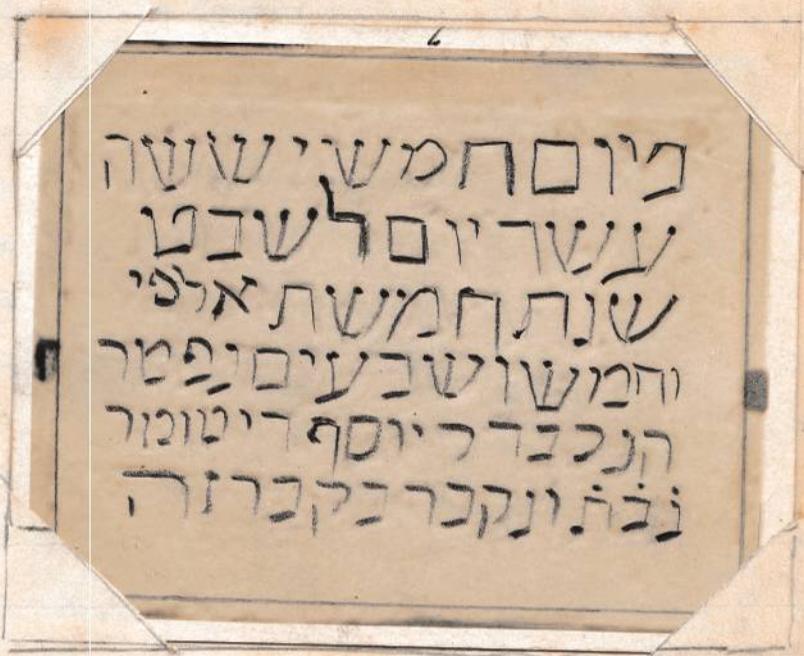


Fig. 7

(1) ¹ Inscriptions Hebraïques du Portugal, por Cardoso Bethencourt, publicado no ⁴ Archeólogo Portuguez, Vol. VIII, Nos. 2 e 3, 1903, pag. 35.

Tradução:

- 1^a. linha: Na quinta-feira a de-
- 2^a. linha: sasseis de Shebath
- 3^a. linha: do ano cinco mil
- 4^a. linha: e setenta e cinco faleceu
- 5^a. linha: o respeitável Rab Joseph de Tomar;
- 6^a. linha: que a sua alma descance em paz, e foi sepultado neste sepulcro.

Observações:

A data hebraica de 5^a. feira 16 de Shebath de 5075, corresponde a 23 de Janeiro de 1315 da era cristã.

Na última palavra da terceira linha falta a letra **ב**. É um erro gramatical não muito para estranhar, porquanto se notam sempre em quase todos os documentos hebraicos antigos ^{en Português} pequenas deficiências que demonstram a pouca cultura dos gravadores.

O título de **ר֔**, abreviatura de **ר֔ב** (rab) não implica que o defunto fosse um rabino, nem mesmo uma personagem judaica importante, e corresponde ao título espanhol Don, que se dá a toda a gente...

Tanto mais que o ^{lacônico} epíteto de "respeitável", que precede o título de "rab", prova que não se tratava duma personalidade em destaque, por quanto em tais casos era uso empregarem-se títulos mais ^{elogiosos} ~~reverentes~~. Foi, talvez, um negociante judeu, originário de Tomar, que faleceu em Faro.

Na transcrição dada pelo Sr. Cardoso Bethencourt, a última palavra da 2^a. linha está transcrita erradamente **שְׁבָת**, em vez de **שְׁבָת** como está escrita no texto. Comquanto a pronúncia destas duas palavras seja idêntica, a sua significação é todavia diferente, visto que a primeira se traduz por Sabado, e a segunda significa o mez de Shebath.

A respeito da abreviatura **תְּבִיבָה** também o Sr. Cardoso Bethencourt faz uma série de considerações, decifrando-a: **נִמְצָא בְּתוֹךְ תְּחִוָּם**, que significa "foi encontrada dentro do recinto", mas esta interpretação é absolutamente erronea, porquanto a dita abreviatura se refere a: **בְּטוּב הַלֵּין** cuja tradução literal é: "que a sua al-

ma descance na bemaventurança".

Em Tomar, houve tambem, ~~como em Elvas~~, uma importante comunidade judaica como prova o facto de ter sido esta cidade uma das sedes da Inquisição, tendo havido dois autos de fé: um em 6 de Março de 1543 e outro em 20 de Junho de 1544.

Ainda hoje existe em Tomar o edificio da antiga sinagoga do seculo XV, na Rua Nova, então chamada Rua da Judiaria. (Fig. 8 e 9)

Esta sinagoga, que parece nunca ter sido transformada em tempio cristão, apresenta -se ainda no seu conjunto relativamente bem conservada, servindo actualmente de celeiro

No entanto a fachada actual que dá para a R. Nova, com uma porta do lado Norte, devia ter sido feita posteriormente, sendo de crer que a antiga entrada principal fosse situada do lado Oeste, (conforme o costume judaico) obstruído, actualmente, por um pequeno edifício.

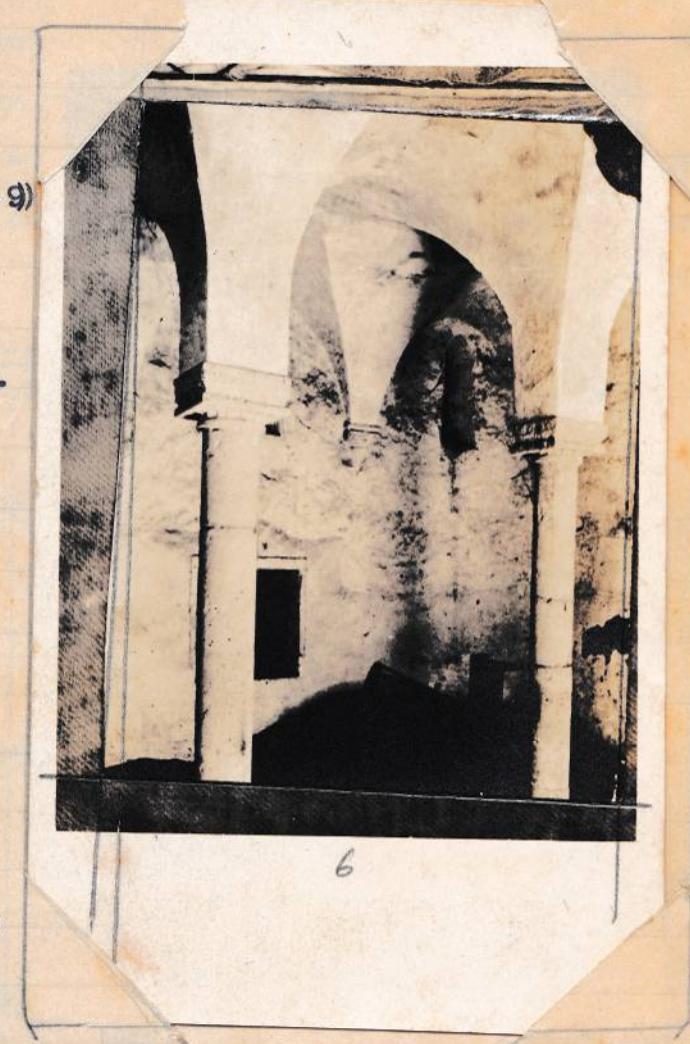


Fig. 8

Se não fosse a valiosa e oportuna intervenção do nosso presado amigo e erudito arqueólogo Coronei Francisco A. Garcez Teixeira, que conseguiu fazê-la classificar como monumento nacional, esta sinagoga teria sido destruída pelo seu actual proprietário para construção duma vivenda.

(1) Salmos, cap. 25 , vers. 13.

O templo, ainda que relativamente pequeno, apresenta no conjunto um aspecto imponente e elegante.

Sem $8,25^{\text{m}}$ x $9,50^{\text{m}}$ e, aproximadamente, 7^{m} de altura. Possui no centro quatro esbeltas colunas, encimadas por capiteis floridos, dois dos quais apresentam uma pálida reminiscência oriental.

O tecto é composto de um conjunto de abóbadas ogivais, de linhas elegantes, mas desgraçadamente, algumas tanto arruinadas.

É a única sinagoga antiga que ainda existe em Portugal, e seria de desejar que a Comunidade Judaica de Lisboa, a adquirisse e restaurasse.

Rua Nova

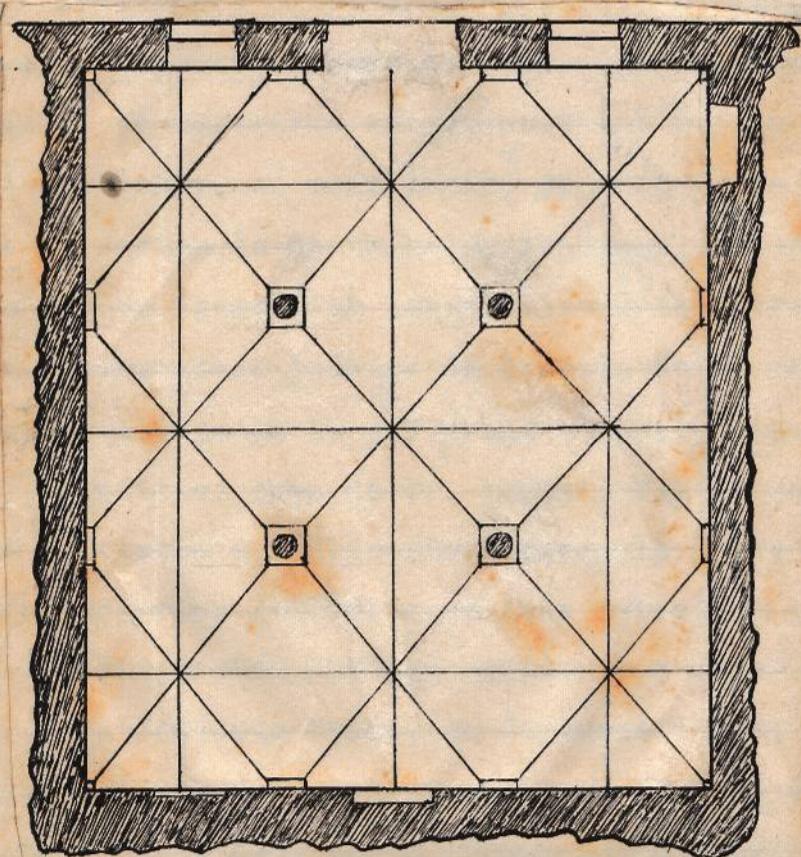


Fig. 9

N

Escala: $\frac{1}{100}$

(1) Devemos também esta planta á gentileza do Exmº. Sr. Coronel Garcez Teixeira.

INSCRIÇÕES DAS ANTIGAS SINAGOGAS DE LISBOA

Não foi Lisboa o berço da organização comunal judaica em Portugal, porquanto já quando da conquista de Santarem, em 1140, D. Afonso Henriques encontrou nesta cidade, uma comuna judaica organizada, com a sua sinagoga, e que teve da parte do monarca conquistador, uma generosa tolerância. (1)

É também provável, que muito anteriormente à constituição da monarquia portuguesa, tivessem já existido comunidades judaicas organizadas principalmente no Algarve, mas dessas não se conhece até agora nenhum outro documento, senão as duas lápides funerárias do século VI, de Espiche, já descritas anteriormente (V. pag. ...).

Em Lisboa, só mais tarde, no reinado de D. Afonso III, foi autorizada a construção da primeira sinagoga, edificada em Lisboa, em 1260 a expensas de Joseph Ibn Yahia, como mais adiante veremos.

A comunidade judaica de Lisboa, tomou depois grande desenvolvimento multiplicando-se as judiarias e as sinagogas.

Na notável obra do Sr. Augusto Vieira da Silva - "As Muralhas da Ribeira de Lisboa" - , estão minuciosamente estudadas as situações destas diversas judiarias de Lisboa, e deixa extraímos os seguintes dados:

Os documentos antigos mencionam a existência de quatro judiarias:
1º.: - A Judiaria Velha, ou Judiaria Grande, ocupando o Bairro de Santa Madalena, estendia-se aproximadamente, entre as igrejas de Santa Madalena e de S. Nicolau, a antiga Rua dos Mercadores (situada entre as atuais ruas da Conceição e de S. Nicolau), a Rua da Princesa (atualmente

(1) Geschichte der Juden in Portugal, pelo Dr. M. Kayserling, Berlim, 1867, cap. 1º.

(2) Publicada na Revista de Engenharia Militar, 5º. e 6º. vol. 1900 e 1901

(3) Idem, idem vol. 5º. pag. 450-457.

R. dos Fanqueiros) e a Rua Nova (situada aproximadamente na altura na R. dos Bacaihoeiros).

A sua sinagoga, construída, como veremos, em 1306, encontrava-se na R. da Princesa (R. dos Fanqueiros) à esquina da R. dos Mercadores, aproximadamente a meia distância das atuais ruas de S. Nicolau e da Conceição.

Esta judiaria, a mais importante de todas, remonta, pelo menos, ao reinado de D. Afonso III.

2º.: - A Judiaria da Pedreira, que ocupava o recinto limitado entre o convento da Trindade e o sitio onde depois foi construído o do Carmo.

Como veremos, foi aqui construída a primeira sinagoga de Lisboa, em 1260, ~~esta judiaria~~, sendo depois extinta por D. Diniz, que em 1317, desapossou ~~dele~~ os seus habitantes, dando-a ao Almirante Micer Manuel Peçanha.

3º.: - A Judiaria Nova ou Judiaria Pequena:

Quando os judeus foram expulsos do seu bairro da Pedreira, foram (entre 1317 e 1319) estabelecer-se nas proximidades da atual igreja de S. Julião, onde fundaram a Judiaria Nova, também chamada das Tarracenas, ou Judiaria Pequena da Moeda (por ficar perto do antigo edifício da Moeda).

Esta judiaria, que era pequena, parece ~~que~~^{se} reduzia a uma só rua, chamada Rua da Judiaria ou das Tarracenas, seguindo aproximadamente o eixo da atual igreja de S. Julião, desde a porta principal até à fachada do edifício do Banco de Portugal, na Rua Aurea.

Esta judiaria, também esteve exposta a ter sorte idêntica à da Pedreira, visto que, em 1370, D. Fernando tinha ordenado "derribar a Rua das Tarracenas em que os judeus moravam", mas, felizmente, esta ordem não teve seguimento.

Esta Judiaria Pequena, também teve a sua sinagoga: "esnoga que partia por detrás com casas da rua de Mordaz, e junto dela havia uma casa de banhos dos Judeus."

(1) Conforme a Jewish Encyclopedia, palavra Lisbon, esta foi a mais antiga judiaria de Lisboa.

4^a.:- A Judiaria da Alfama, situada junto da torre de S. Pedro , tendo ficado ainda neste bairro o nome da Rua da Judiaria. Tinha tambem a sua sinagoga, construida em 1373, como consta duma ordenação de D. Fernando: "..... no anno da era de 1411 (1373) os judeus desta cidade (Lisboa) //fizeram synagoga nova sem nosso mandado..." eram obrigados a pagar 50 libras de ouro pelo "crime" de ter edificado a sinagoga sem licença do rei, do que ele , do resto , os absolveu sob certas condições. (1)

Esta Judiaria, ou pelo menos a sua sinagoga, foi fundada apόs a trágica destruição de toda a Judiaria Velha, barbaramente aniquilada pelas hostes salvagens de D. Henrique II de Castela em 1373, o que explica a urgência da comunidade judaica em fundar uma nova judiaria e uma nova sinagoga sem poder esperar a obtenção da licença régia.

Todas as Judiarias citadas ficavam fóra do recinto da cidade, tal como existia anteriormente a D. Fernando.

Depois da expulsão passaram as Judiarias a chamar-se "Vilas - Novas".

Quantas sinagogas houve pois em Lisboa ?

Provavelmente, cada Judiaria tinha pelo menos uma sinagoga. e devia haver trez sinagogas, segundo a opinião do Sr. Vicira da Silva, baseada num documento (nº 14) da Coiegiada da Madalena que diz assim:

"..... em 1445 se passou sentença a favor desta igreja de Santa Magdalena //contra a comuna dos judeus, que pagasse cada anno de cada synagoga 50 //reaes brancos, que faziam 150 reaes brancos que a Judiaria Grande pagava //por todas as outras em dia de Paschoa." (2)

Houve ainda uma outra sinagoga, a mais antiga, construída em 1260, da qual adiante faiaremos, que devia ter pertencido á Judiaria da Pedreira extinta em 1317.

Deste cálculo resulta que houve antigamente em Lisboa , pelo menos , quatro sinagogas e talvez ainda uma outra mais moderna na Rua Nova. (3)

(1) Chancelaria de D. Fernando, liv. II, fl. 53 v. era 1417.

(2) As Muralhas da Ribeira de Lisboa, obra ja citada, Revista de Engenharia Militar vol. 6º, 1901, pag. 42.

(3) Jewish Encyclopedia, palavra "Lisbon".

Das inscrições comemorativas destas sinagogas apenas se conhecem duas, pertencendo uma, à primeira sinagoga construída em 1260, e a outra, provavelmente, à segunda, construída em 1307, que passamos a descrever.

INSCRIÇÃO DA PRIMEIRA SINAGOGA DE LISBOA

A primeira sinagoga de Lisboa, "de construção bela e magnífica" (1) ^{em 1260}, foi fundada ^a expensas do almoxarife-mór do reino Joseph ben Iahudah, ibn Iahia (2), muito provavelmente no bairro da Pedreira, porque as sinagogas das outras judiarias; a Grande, a Nova e a da Alfama; foram construídas respectivamente em 1306, 1317-1319, e 1373, como anteriormente vimos.

Como se sabe, a Judiaria da Pedreira foi demolida e extinta ainda em 1317, e nada ficou da sua sinagoga, nem da lápide comemorativa da sua fundação.

Mas, por um feliz acaso, conservou-se na tradição da família Iahia o texto da inscrição da dita lápide, que foi publicado na "Historia da Família Iahia" (3) pelo eminentíssimo Rabino de Bruxelas, Eliaquim Carmoli, e que reza assim:

וְאַנִי
בָּרְבָּה חֲסֶדֶךְ אָבוֹא בֵּיתְךָ
אֲשֶׁתְּחַווֹה אַל-דְּיִלְכֶל
קָדְשָׁךְ

(1) Os Judeus em Portugal, pag. 121

(2) A família Iahia era uma das mais importantes e nobres do antigo judaísmo português. O pai do fundador da sinagoga (Iahudah ben Iahish ibn Iahia), foi recompensado por D. Afonso Henriques em paga dos serviços, que lhe prestou na conquista do seu território, com a doação de algumas aldeias, e com o direito de usar brasão que representava um campo tendo no centro uma cabeça de mouro. Esta família dizia-se também descendente da casa reinante de David. Ao filho do fundador da sinagoga, Salomon ben Joseph ibn Iahia, se deve a obra hebraica הקבלה שלשה (Shalshelet Hacabala) escrita em Lisboa em 1300.

(3) O título hebraico desta obra é דברי הימים לבני יהיא (Dibrej Haiamim Libnei Iahia) publicada em Frankfurt s/M. em 1850.

Tradução:

- 1^a. linha: E eu
- 2^a. linha: pelo teu grande favor, entro em tua casa,
- 3^a. linha: inciino-me diante do teu tempio
- 4^a. linha: sagrado.

Observações:

Esta inscrição é parte duma estrofe dos Salmos, cap. 5º., vers. 8º., sendo encimadas por pontas de letras iniciais de cada palavra da 2^a. e 3^a. linhas, indicando que a soma destas letras, prefaz o ano da edificação da sinagoga, soma que equivale a 20, representando o ano de 5020 da era judaica, correspondente ao ano de 1260 da era cristã.

Não podia pois, a autorização para a construção desta primeira sinagoga de Lisboa, ter sido dada por D. Sancho I, conforme a opinião do Sr. Dr. Mendes dos Remédios, porquanto este monarca faleceu em 1211, e, como vemos pela data da inscrição, a sinagoga foi construída em 1260, no reinado de D. Afonso III.

INSCRIÇÃO DA SEGUNDA SINAGOGA DE LISBOA

Desta sinagoga conservou-se felizmente a lápide comemorativa original.

Foi achada, depois do terremoto de 1755, no sitio da Conceição Velha em Lisboa, Adquirida pelo ilustre bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas, que a levou para Beja, seguiu depois da morte deste eminente prelado e arqueólogo, para o Museu Arqueológico de Évora, anexo à Biblioteca da mesma cidade.

Para a determinação

do verdadeiro lugar onde foi achada esta lápide, conhecido pelo nome de Conceição Velha, recorreremos mais uma vez á obra já citada do Sr. Vieira da Silva,

Conforme a sua autorizada opinião, a Sinagoga Grande, que se achava na

(1) Obra citada, pag. 121

(2) Obra citada, vol. 6º., pag. 41.

Rua dos Fanqueiros (anteriormente Rua da Princesa), a meia distancia entre as ruas de S. Nicolau e da Conceição, foi transformada, em 1502, na igreja da N.S^a da Conceição. D. Manuel fez dela doação ao Mestrado de Cristo, e para lá foram os freires duma ermida, que havia no sitio de Restelo, onde depois se construiu o mosteiro dos Jerónimos, e lá se conservaram até ao terremoto de 1755. Como em 1698 erigisse a igreja paroquial da N.S^a da Conceição, na Rua dos Ferros, a antiga sinagoga, depois igreja dos freires da ordem de Cristo, passou a chamar-se Conceição-Velha, para a distinguir da nova igreja da Conceição. No terremoto de 1755, ela foi completamente destruída pelo fogo. Em 1770, foram os freires da antiga igreja colegiada da Conceição-Velha, transferidos para uma nova igreja da Rua da Alfandega, que, por esta razão, passou a chamar-se também (mas só depois de 1770) "Conceição-Velha".

Resulta de aí, que a nossa lápide hebraica encontrada depois do terremoto não o foi no atual sitio da Conceição-Velha da Rua da Alfandega, mas sim no sitio da antiga igreja da Conceição-Velha na Rua dos Fanqueiros.

A actual igreja da Conceição-Velha nunca foi sinagoga, contrariamente à opinião de alguns escritores, induzidos a este erro pela confusão de nomes.

Tendo fixado o sitio donde provêm a lápide em questão, passamos a descrevê-la:

(fig. 10)

É uma lápide de mármore avermelhado com uma inscrição hebraica em alto relevo, o que foi uma das causas da sua deterioração, faltando muitas letras e até palavras completas, principalmente na 3^a, 5^a, 6^a, & 8^a linhas, o que deu lugar a diversas interpretações da sua inscrição. A lápide apresenta também uma fractura inclinada na sua extremidade esquerda.

Como já vimos, está actualmente no Museu de Evora, catalogada com o nº 26, existindo um decalque de gesso no Museu Arqueológico do Carmo.

Mede 0^m,94 x 0^m,54 e os seus caracteres têm 0,02 de comprimento.

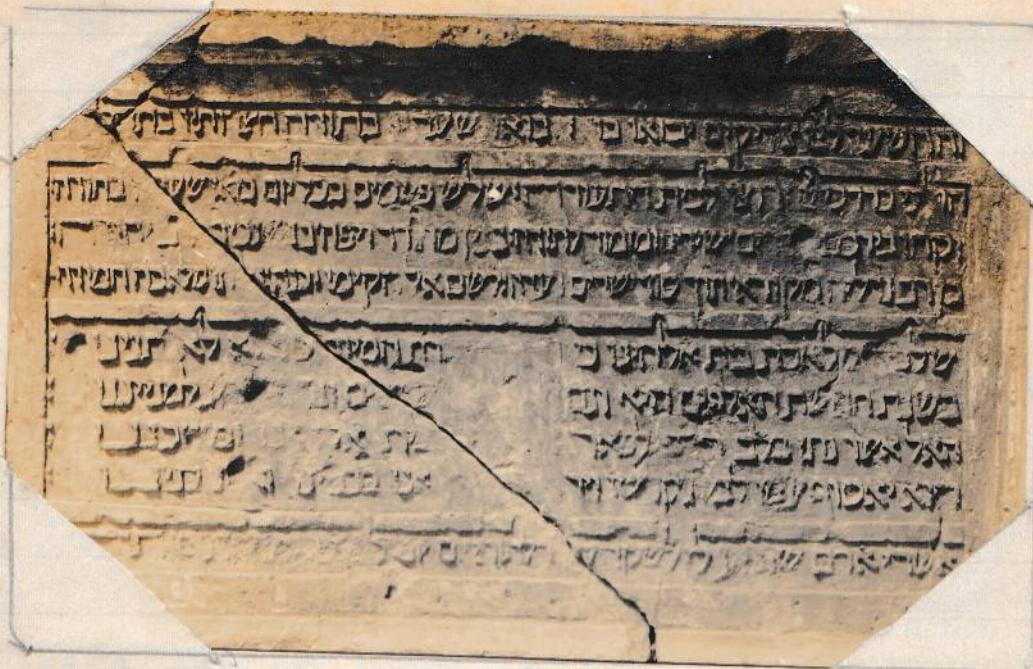


Fig. 10

Transcrição:

זה השער לי צדיקום יבואו בם שעריו בתודה חצראותיו בההילזון
חוללי בדרך יי' רוצץ לבית המעודה: שלש פעמיים בכל יום בוא שעריו בתודה:
וקחו בידכם כנורים טירומלומזמור לתודה: בין מהודר ויפה בנה גבריר רב יהודיה:
בן ובנדלה מקורה חזק סוד ישרים ועדת: לשם אל הקומו ובנה אותו מלאכה טמודה
שלם את מלאכת בית אלהינו ברי
בשנה חמישת אלפיים זהיא וגבעה
האל אעד נתן נלב הרב לאראר
זהו אסופענו לבית קדשו זור
אשרי אדם שטעה לי לשחק על דלמאיזום יומם לשמר מזוזת פרחן זיין

Tradução:

⁽¹⁾ 1^a. linha: Esta é a porta do Senhor pela qual os justos entrarão.

Enrai pelas suas portas com graças e em seus átrios com
(2) louvor.

(1) Salmos, cap. 118, vers. 20.

(2) Idem, cap. 100, vers. 4.

- 2^a. linha: Vós que ides no caminho do Senhor acorrei á casa do culto.
Trez vezes por dia, vinde a suas portas em accão de graças.
- 3^a. linha: E tomai nas vossas mãos ~~citaras~~ e cantai ~~um~~ um cântico de
graças. Edifício formoso ~~que~~ construiu o opulento Rabi Iahu-
dah,
- 4^a. linha: filho de Guedaliah dos que têm o seu assento nas assemblieias
⁽¹⁾
dos justos e da congregação (judaica). Ao nome do Senhor le-
vantou e construiu esta obra magnifica.
- 5^a. linha: E acabou a obra do nosso Deus, no primeiro dia do nosso fa-
⁽²⁾
moso mez de Atanim.
- 6^a. linha: No ano cinco mil e sessenta e sete do nosso ~~é~~ computo.
- 7^a. linha: Deus que dispôz o coração do nosso Rabino, para aformosiar
a casa do nosso Deus e ~~a sua morada~~ o nosso templo.
- 8^a. linha: Ele reunirá o seu povo no seu Santuário, (em Jerusalém), e
nos fará ver a sua reconstrução em companhia dos nossos
filhos.
- 9^a. linha: Bemaventurado o homem que me obedece, velando ás minhas por-
⁽³⁾
tas cada dia, guardando as hobreiras dos meus pórticos.

Observações:

Vários autores têm publicado traduções desta lápide com divergências
bastante sensíveis devido ao estado deteriorado e incompleto da inscri-
ção que dificulta a sua leitura.

A título de comparação reproduzimos aqui essas diversas traduções:

(1) Salmos, cap. lll, vers. 1.

(2) I Reis, cap. 8, vers. 2:

~~que significa: "na festa do mez de Atanim que é o sétimo mez," isto~~
~~é, o mez que posteriormente foi chamado Tishri e que corresponde a~~
~~Setembro-Outubro, aproximadamente.~~

(3) Provérbios, cap. 8, vers. 34.

Tradução latina feita em 25 de Agosto de 1770 pelo professor de hebreu
da Universidade de Coimbra; Dr. Paulo Hodar:
⁽¹⁾

"Haec porta (est) Domino, Justi introibunt in eam: Introite portes ejus"
"in confessione, et atria ejus in laude. 2. Ambulate in semitas Domini"
"concurrite ad Domum expectationis ejus: tribus vicibus quotidie in-
"troite portas ejus in confessione. 3. Et sumite manibus vestris... (?)"
"praedicantes carmina, et psalmos gratiarum agendarum suarum: filii"
"quam .. pulcherrime (est) restinare ad magnificandum legem. 4. Fili,"
"magnifica, et exalta arcana ejus (Domini), et prudens recede a judi-
"ciis suis, quae instar peiagi (sunt) impenetrabilia: Ad latus dextrum"
"instituite et decorate Apparatus gloriae sua. 5. Consumatus (est)"
"Apparatus Domini Dei nostri , mense quinto, die undecimo feria secunda".
"6. Anno 5068 nostrae computationis , i. e. anno R. O. 1308. 7. Deus"
"qui dedit, et inspiravit in cor Regis nostri, ut nostram patrocinaretur"
"gentem et habitationem, 8. Ipse .. (Deus) augeat sibi (Regi) cor re^{um}"
"ctum sanctitatis ejus (hoc est cor purum et sanctum) nobisque concedat"
"visere successores iilius usque ad tertiam generationem. 9. Beatus vir"
"qui se parat ..."

Esta tradução foi publicada na Nova História Militar da Ordem de Malta, por José Anastasio de Figueiredo, Lisboa, 1800, tomo I, pag. 175, nota.

Tradução da autoria do Rabino Isaac Ben Assaiag, feita em 1823 e publicada no catálogo do Museu Arqueológico da Cidade de Évora, por António Francisco Barata, Lisboa, 1908, pag. 14.:

"Esta é a porta do Senhor, pela qual os justos devem entrar. Venham ás"
"suas portas com sacrificio de Todá, ás suas côrtes para o louvar e"
"corram á casa da Manifestação. Trez vezes cada dia tragam ás suas por-"
"tas sacrificios de Todá. Tomai em vossas mãos toiros sem mancha e can-"
"tai ao sacrificio de Todá. Fábrica boa e formosa que fabricou o nosso"
"Rabino Senhor Iudá, filho do nosso Rabino Senhor Guedalia dos princi-
"pais Senhores que dirigem a Nação. Para nome do Senhor levantou e fa-"

(1) Esta tradução foi-nos gentilmente fornecida pelo Exmo. Dr. M. M. dos Remédios

"bricou esta obra desejada. Acabou o nosso Rabino a obra do nosso "
"Deus o qual só é nossa fortaleza. E foi acabada esta obra na era de"
"5000 da criação do Mundo. Deus que fez o coração do nosso Rabino pa-"
"ra aformosear e levantar a casa do nosso Deus e sua morada. Ele man-"
"dou ajuntar seu povo na casa do Santuário e nos encaminha com ~~ex~~ nos-"
"sos filhos e nossos netos. Bem abençoado o homem que obedece a es-"
"tar fixo ás minhas portas todos os dias e guarda as hobreiras das"
"minhas portas."

X Tradução do eminentíssimo sábio orientalista Sr. F. M. Esteves Pereira, publicada na "Revista Archeologica", Lisboa, 1879, vol. 3º., pag. 115:
"1, Esta é a porta do Senhor, os justos entrarão por ella. Entrai as"
"suas portas em acção de graças, os seus atrios para o louvar. 2, Os"
"que andais pelos caminhos do Senhor, e os que correis ao Templo da"
"Lei, trez vezes em cada dia vinde ás suas portas em acção de graças."
"3, e tomai em vossas mãos fructos; e (cantai) canticos e psalmos em"
"acção de graças. Este edificio decorado e formoso construiu o Rabbino"
"Jehudah,⁴ filho do Rabbino Gedalyah, nomeado entre os principes do"
"conselho; ao nome de Deus levantou e construiu esta obra em reconhe-
"cimento. 5, Foi acabada a obra do Templo do nosso Deus no mez de Ta-"
"muz... da nossa vinda; 6, no anno cinco mil e sessenta e sete desde"
"a nossa criação. 7, Deus que poz no coração do Rabbino, que embellezas-"
"se o Templo do nosso Senhor e a sua Morada ; 8, eile ajuntará o seu"
"povo no Templo do seu sanctuário, e nos escolherá com os nossos"
"filhos, e com os filhos dos nossos filhos. 9, Bemaventurado o homem"
"que me obedece, veiando ás minhas batentes todos os dias, e guardando"
"as hobreiras da minha porta."

Como dissemos, as diferenças destas interpretações provêm da falta de diversas partes do texto, faltas que não são fáceis de advinhar por quanto o estilo é confuso e pouco correcto gramatical e literária-mente, como adiante veremos.

Por esta razão não podemos tambem pretender que seja verdadeira a

nossa interpretação, no entanto esforçamo-nos de nos aproximar o mais possível da verdade.

-o-

Notam' nesta lápide, alem da incorrecção e fraqueza do estílo, muitos erros de ortografia que não são provavelmente só devidos ao gravador, mas tambem nos parece deverem ser atribuidos ao autor da inscrição, que demonstra não ter sido grande literato nem ~~de~~ grande cultura hebraica.

Apezar da inscrição da sinagoga de Monchique do Porto pecar por insignificância de estílo e de rimas, como anteriormente vimos (pag.), a de Lisboa pode - se - lhe todavia considerar muito inferior, sob ponto de vista literário,

A pobreza da cultura hebraica da comunidade judaica de Lisboa, no principio do seculo XIV, que esta inscrição comprova, é bastante de estranhar, porquanto um seculo depois florescia na mesma comunidade uma pleia de sumidades judaicas, composta de grandes sábios hebraistas, de eminentíssimos médicos, matemáticos, estatistas etc. dos quais nos ocorre citar Isaac Abravanel, Jacob ibn Habib, Abraham Zacuto etc. Da dita comunidade faziam também parte os primeiros impressores e editores Lisbonenses Rabi Eliezer Toledano e Rabi Eliezer Alantansi.

Passemos agora a examinar mais detalhadamente a inscrição:

Nalgumas palavras das primeiras linhas tais como חֶרְוָה וּבָן, בָּן, וּבָן, וּבָן, etc. escreveu-se a más a letra ו, pois que segundo os textos

bíblicos de que derivam elas se deviam escrever: וּבָן, וּבָן, וּבָן, וּבָן, etc.,

mas Nos exemplos que apresentamos, esta irregularidade é de pouca importância, porque não modifica, em nada, a pronuncia e a significação das palavras. todavia, na última palavra da 7^a linha, constitui um grande erro ortográfico, porquanto altera completamente a sua significação. A palavra em questão וּבָן, como figura na inserção, significa: o seu penhor, o que não forma sentido nenhum. A intenção do autor era, sem dúvida, escrever וּבָן, que significa: a sua morada. Na nossa transcrição, esta palavra já figura corregida.

folha sete
טיטנווֹן
Tambem as últimas palavras da 6^a linha está escrita erradamente לִירָה
devendo ser לְיִרָה de nosso computo, como já figura na nossa transcrição. Isto porém parece ser mais erro do gravador que do autor.

A quarta palavra da 4^a linha : אַרְבָּה, tal como está, é incorrecta, a não ser que o autor tenha querido usa-la na significação que tem em Isaías cap. 48 vers. 12 : יִשְׂרָאֵל מִקְרֵיא que significa: 'e Israel a quem chamei.'

A segunda parte da 5^a linha (lado esquerdo), é completamente incompreensivel, parecendo-nos no entanto poder-se decifrar: בְּרוּת דָמֵי וְלֹא נָוֹם אֶלְאָתָנִים cuja significação aproximada é: no primeiro dia do nosso famoso mez de Atanim.

Dissemos "significação aproximada", porque a tradução da última palavra da linha em questão é muito difícil, devendo talvez tratar-se do nome:

וְלֹא que os primeiros hebreus deram ao sétimo mez, como se vê em I Reis cap. 8 vers. 2 :

נִרְאָת הַצָּהָרָת וְחַג הַזָּהָרָת signicando: na festa da lua de Atanim que é o sétimo mez.

Admitida esta hipótese podemos considerar a expressão לְגַתְּנֵינוּ (gataneinu) derivada de גַּתְּנֵנוּ, traduzindo- por: do nosso Atanim.

Este mez de Atanim, foi posteriormente designado por Tishri e corresponde, aproximadamente, a Setembro ou Outubro.

A etimologia da palavra (Atanim) é ainda incerta e foi bastante debatida entre os filólogos hebraistas:

Jonatan, na sua versão aramaica da Bíblia, traduz a frase בְּנֵי הַלְּבָנָה por בְּנֵי אֲנָתָה (iarha de Antiga) que significa: lua do Antigo, ou lua de Deus.

Ben-Tsvi, no seu dicionário de raízes hebraicas בְּנֵי הַשְּׁרָשָׂת attribui ao vocábulo em questão, a raiz שְׁרָשָׂת (ata) que significa: trazer, visto que é neste mez que se trazem as colheitas.

E finalmente, o eminent hebraista Gesenius, atribui-lhe a origem de (etan) que significa: forte, torrencial; por ser , segundo diz, neste mez que as ribeiras da Palestina produzem cheias, e levam mais agua.

Porém aceitando a opinião de Gesenius no tocante à raiz da palavra,

(**אַתָּן** -forte-) afigura-se-nos que essa palavra será talvez uma alusão ás grandes festas judaicas que se celebram neste mez e que são: Rosh-Hashana, Kipur, e Sucoth.

Na impossibilidade de, como acabamos de ver, darmos a significação exacta da palavra Atanim, adoptamos na nossa interpretação o processo seguido pelos modernos tradutores da Biblia, reproduzindo-a textualmente.

Só mais tarde, como dissemos, este mez foi chamado Tishri, como ainda actualmente se denomina.

Pelo que diz respeito á nomenclatura dos mezes, em geral, os judeus, no principio, designavam-nos apenas de maneira idêntica á dos dias da semana, isto é, segundo a ordem porque se seguiam (1º. mez, 2º. mez etc).

Depois, aplicaram a alguns deles designações especiais, como por exemplo: ao 1º. mez (correspondente a Março-Abril) chamaram **צְדִישׁ הַאֲבִיב** ⁽¹⁾ que significa mez da primavera, ao 2º. (Abril-Maio) designaram-no também com o nome de **צְדִישׁ הַזָּהָר** ⁽²⁾ que significa mez da florescência, e ao 8º. (Outubro-Novembro) foi dado o nome de **צְדִישׁ בָּנָל** ⁽³⁾ que significa lua das chuvas. Dum modo análogo, o 7º. mez foi tambem designado por **צְדִישׁ הַאֲתָנִים** **צְדִישׁ יְרֵחָה** que significa:lua de Atanim, como já vimos.

Posteriormente, por occasião da volta dos judeus do cativeiro da Babilónia, foram designados os mezes com nomes especiais que conservaram até hoje, segundo resa o Talmude de Jerusalém, tomo Rosh-Ashana, onde se diz: **שְׁמוֹת הַחֲדָשִׁים הַעֲלָוִת מִבָּבֶל** que significa: "os nomes dos mezes foram trazidos da Babilónia".

Mas terminemos estas considerações já um pouco extensas e algum modo tambem, um pouco afastadas do assunto do nosso estudo, do que pedimos desculpa aos nossos leitores e voltemos a examinar a nossa ins-

(1) Exodo, cap. 13, vers. 4

(2) I Reis, cap. 6, vers. 1

(3) Id. id., vers. 3. A palavra **בָּנָל** deriva de **בָּנוּל** que significa "o dilúvio".

crição:

A 2^a. palavra da penúltima linha é também pouco legível, e é de crer que a última palavra da 1^a. linha se deve ler **בְּנֵי שָׁכֶן**, que significa "a sua construção", para poder rimar com a última palavra da linha precedente.

A última linha apesar de muito deteriorada pode-se reconstituir completamente por ser uma frase inteira da Bíblia (Provérbios, cap. 8, vers. 34).

As linhas 5^a., 6^a., 7^a., e 8^a. estão interrompidas no meio por um espaço vazio de 0,15 x 0,11. Esta disposição que foi feita provavelmente no intuito de dar a estas linhas, mais curtas do que as restantes, uma aparência simétrica com o conjunto da inscrição, não depõe também muito em favor da do talento ingeniosidade do seu autor.

O ano hebraico de 5067, indicado na lápide, corresponde ao de 1307 da era cristã, e é provável que o edificador da sinagoga, Rabi Iahuda Ben Guedaliah, tivesse sido o arrabi-mór Don Iahuda, que foi ao mesmo tempo ministro da fazenda de D. Diniz, e ao qual sucedeu como arrabi-mór, seu filho Guedalia, assim chamado como o avô paterno, o que é frequente entre os judeus.

Resta-nos observar que o ilustre autor de "Os Judeus em Portugal" indica (na pag. 139) que o arrabi-mór Iahuda devia ter morrido em 1303 o que não está de acordo com a data de 1307, indicada nesta inscrição, como ano em que o referido Rabbi acabou a construção da sinagoga.

Das restantes sinagogas de Lisboa, bem como do importante cemitério judaico que aqui devia ter existido, é de crer que nada mais reste, senão as duas lápides que acabamos de descrever:

D. Manuel I, apesar da expulsão, confiscadas e convertidas em igrejas as sinagogas, aproveitou as lápides do cemitério ^{Judeus de Lisboa} para construir a Misericórdia do Recôrde, que ocupava pouco mais ou menos, o quarteirão compreendido hoje entre a R. da Betesga e a R. do Amparo.

O terremoto de 1755, derrubou a Misericordia, sendo muito provável,

que nas edificações, que se fizeram depois naquele local, se aproveitaram os materiais que escaparam da derrocada; e talvez que algumas das citadas edificações façam, por consequência, parte, ~~algumas das~~ lápides do antigo cemitério judaico de Lisboa.

-----ooooooooooooo-----

LÁPIDE FUNERÁRIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE EVORA

Além da lápide da segunda sinagoga de Lisboa, que descrevemos no capítulo anterior, existe ainda no Museu Arqueológico de Evora, um fragmento duma lápide sepulcral.

Antes, porém, de encetarmos a sua descrição, é nos grato patentear aqui os nossos calorosos agradecimentos ao Exmº. Sr. Coronel J.M.Aguiar que gentilmente se prestou a facilitar a nossa tarefa, guiando-nos através da vetusta cidade de Évora, e enviando-nos o decaíque desta lápide como já tinha feito a respeito da anterior.

A antiquíssima cidade de Evora, verdadeiro museu de monumentos arqueológicos e históricos, tinha para nós ainda o particular interesse de ter sido outrora a sede duma importantíssima comunidade judaica, sendo nesta cidade, que, em 22 de Outubro de 1536, foi promulgada e instituída, pela primeira vez, em Portugal, a Inquisição.

O Museu é um anexo da Biblioteca, uma das mais importantes de Portugal, e na qual existem também valiosos manuscritos hebraicos, que publicaremos num estudo especial sobre Manuscritos e Incunábulos Luso-Hebraicos existentes em Portugal. Ao Exmº. Sr. ~~Carlos Pinto Correia~~ Dr. António Francisco Barata, ilustre Director da Biblioteca e do Museu Eborenses, apresentamos também os nossos fervorosos agradecimentos pela lhaneza com que nos facilitou as nossa investigações.

Volitando ao objecto do nosso estudo, trata-se (fig. 11), dum fragmento duma lápide sepulcral, cilíndrica, de marmore escuro, que tem 0^m,61 de comprimento e 0^m,37 de diâmetro, com parte duma inscrição hebraica, cujas letras têm aproximadamente 0^m,05 de comprimento.

Esta lápide, cujo texto hebraico é ainda inédito, comquanto venha mencionada na pag. 81 do "Catálogo do Museu Arqueológico da cidade de Evora", coligido por António Francisco Barata, foi encontrada em Beja nos fins



Fig. 11

do século XVIII, na casa de Manuel de Gois, situada na R. da Fábrica, e veiu para o Museu de Evora, em 1868, onde está catalogada com o nº. 215. No Museu do Carmo se pode ver o seu decalque, devido, como já referimos á amabilidade do Exmº. Sr. Coronel Aguiar.

Transcrição:

... ל הרופא נ...
... ל קח לאלה ד...

Observações:

O referido catálogo do Museu de Evora, indica, para esta inscrição, as seguintes leitura e tradução, feitas em 1883, pelo Rabino Jacob Tole-dano da Comunidade Judaica de Lisboa:

... HAROFE NEEMAN LEELEF HASSI/SSI...

que significa "o fiel médico no cento e trinta e oito de sexto século"⁽¹⁾ (sie)

(1) Aqui há um erro evidente de transcrição, visto que não se trata do 6º. século, mas do 6º. milhar da era hebraica.

Da segunda palavra, que o Sr. Iacob Toledano julga ser נאמן (neeman), que significa "fiel" existe apenas a primeira letra נ.

Divergimos da opinião do Sr. Toledano, neste ponto; porquanto ela não está de acordo com as regras gramaticais, visto que a construção hebraica exige que se escreva הַרְופָא כֹאכִין e não הַרְופָא נָאֵם isto é, para que a palavra נָאֵם se siga a הַרְופָא é necessário que comece por ה e não, simplesmente por נ, como está na inscrição. A nosso ver, a palavra em questão só poderá ser נִפְתָּר (niftar) ou נִלְבָּנָה que tem como tradução portugueza: faleceu.

A última palavra também é incompleta, existindo apenas as duas primeiras letras שׁוֹן, mas aqui não há dúvida nenhuma que se trata da palavra שׁוֹשֶׁן, que significa sexto.

A única palavra completa da 1ª. linha, é הרופא, que significa "o médico". Das palavras que deviam anteceder esta, indicando o nome do defunto ~~de criatura em questão~~, resta apenas um ל (L), que pode ser a última letra de qualquer nome, como שמואל (Samuel), יהiel (Iahiel), etc..

A data indicada na segunda linha, pelas letras encimadas por pontos ל'ק'ל'ה' da primeira palavra, o que representa 138, קמץ קמץ קמץ קמץ significando as palavras seguintes לאלו השם "do sexto milhar", para o que tem de admitir que a última palavra seja como dissemos שׁוֹשֶׁן. Deste modo conclui-se que a inscrição, se refere ao ano judeu de 5138, que corresponde a 1378 da era cristã.

Na nossa opinião, não levando em conta as duas últimas ~~que faltam~~ letras que faltam na última palavra da segunda linha, pode-se considerar completa a referida linha, devendo faltar na primeira, onde, como dissemos só existe completa a palavra הרופא (médico), além do nome do falecido, a que já aludimos, o dia e o mês do falecimento.

Em face do que acabamos de expôr, apenas nos podemos limitar a apresentar, a título puramente especulativo, a seguinte tradução:

(1)

1^a. linha: Fulano, filho de Samuel, médico, faleceu no dia ... do mez ...

do ano

(2)

2^a. linha: 138, do sexto milhar.

É de crer que esta lápide estivesse colocada como um travesseiro, à cabeceira da tumba, em cuja lousa havia, provavelmente, outra inscrição enaltecendo, como de costume, as qualidades do defunto médico.

-----oooooooooooooooooo-----

(1) ou qualquer nome terminado em l

(2) 5138.

NOTA FINAL

Terminamos a descrição de todas as lápides hebraicas conhecidas, até hoje, em Portugal, pedindo ao benévolo leitor que nos desculpe a aridez ^{e gênio de} invitável destes estudos.

As lápides hebraicas, antigas de Portugal, conhecidas até hoje, são, por conseguinte sete, sendo, em resumo, e por ordem cronológica, as seguintes:

Duas lápides funerárias de Espiche, do século VI ou VII, que se encontram no Museu Arqueológico do Carmo;

Inscrição da sinagoga de Belmonte, de 1297, que se encontra no Museu Municipal Tavares Proença Junior, de Castelo Branco;

Inscrição da sinagoga de Lisboa, de 1306, que se encontra no Museu Arqueológico de Évora;

Lápide funerária de Faro, de 1315, que faz parte do muro do cemitério israelita moderno da mesma cidade;

Lápide funerária de Beja, de 1378, que se encontra no Museu Arqueológico de Évora;

Inscrição da sinagoga de Monchique do Porto, da mesma época que a anterior, aproximadamente, que se encontra no Museu Arqueológico do Carmo.

É, evidentemente, pouca cousa, comparada com a enorme riqueza epigráfica romana existente em Portugal, e que data duma civilização muitíssimo mais remota que a luso-judaica.

Mas, como vimos já anteriormente (pag. ...) o antigo cemitério israelita de Lisboa, foi, depois da expulsão, por autorização de D. Manuel I, profanado, e as suas lápides empregadas nas construções urbanas, devendo ter sucedido o mesmo no resto do paiz.

Adusindo a este exterminio, o dos séculos seguintes, sob o império da Inquisição, compreender-se-há porque tão pouco ficou em Portugal da an-

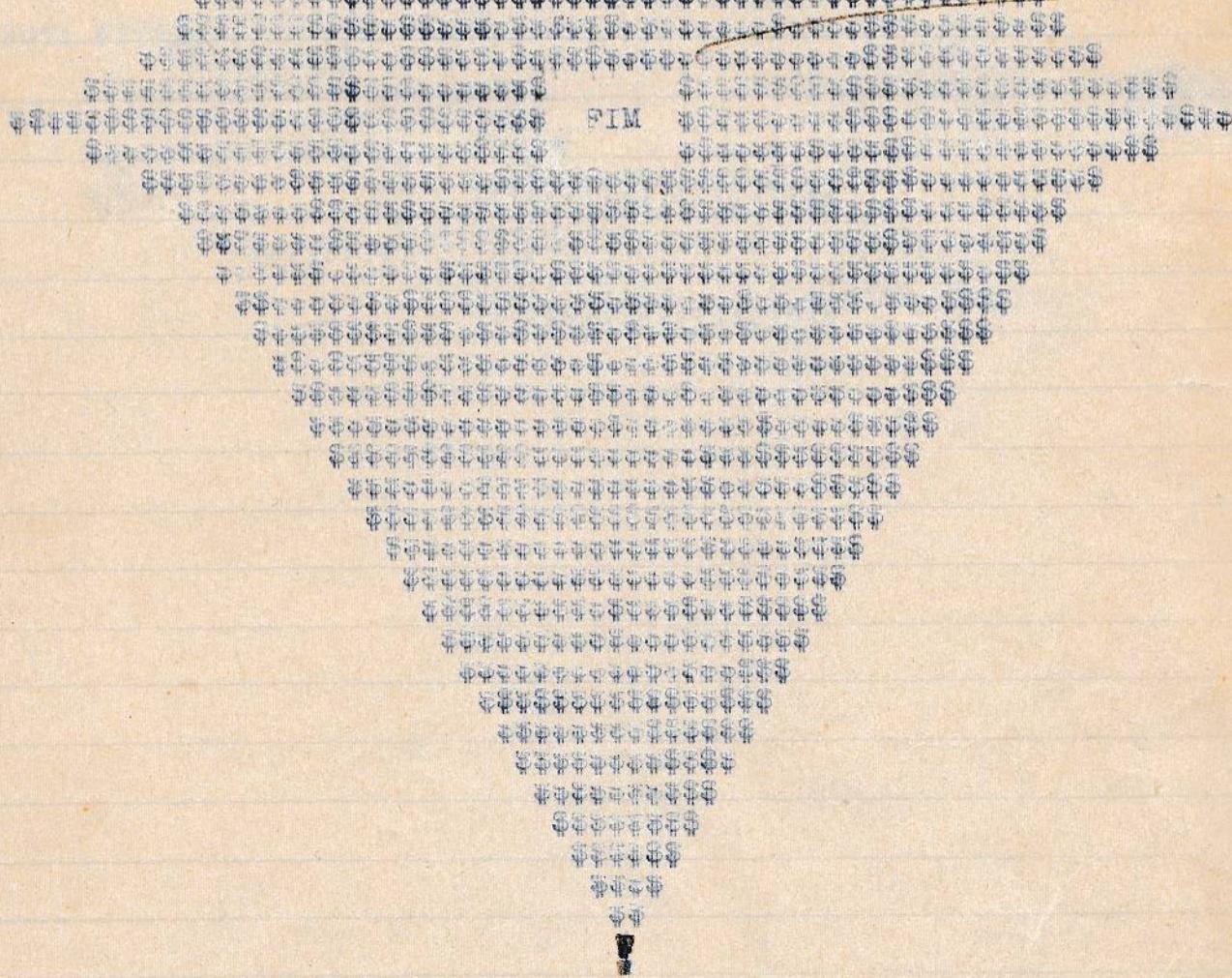
tiga civilização luso-judaica.

Porém, gratos seríamos a quem podesse dar-nos indicação de quaisquer documentos hebraicos que ainda possam existir por esse paiz fora, afim de poder pô-los, como estes, á luz do dia.^V



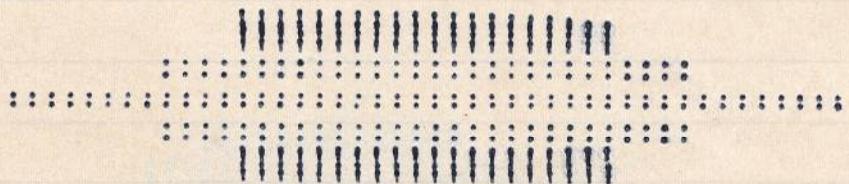
Antes de pôr o ponto final a este estudo, queremos apresentar os nossos penhorados agradecimentos ao nosso bom amigo Sr. José Henriques, digno descendente duma antiga familia judaica (cristãos-nós), da Covilhã, que, com muito amor acompanhou os nossos estudos e nos prestou o seu valioso concurso para a sua redacção na bela lingua Portugueza.

Samuel Schwerk
Sapientem et dilectum



ÍNDICE

	pag.
PROLOGO.....
I AS LÁPIDES HEBRAICAS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO.....
Lápidas Funerárias.....
Inscrição da Sinagoga de Monchique no Porto.....
II INSCRIÇÃO DA SINAGOGA DE BELMONTE.....
III LÁPIDE SEPULCRAL ANTIGA DO CEMITÉRIO JUDAICO DE FARO....
IV INSCRIÇÕES DAS ANTIGAS SINAGOGAS DE LISBOA.....
Inscrição da primeira Sinagoga de Lisboa.....
Inscrição da segunda Sinagoga de Lisboa.....
V LÁPIDE FUNERÁRIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ÉVORA.....
NOTA FINAL.....



INDICE DA GRAVURAS

Fig.	Pag.
1 Lápide sepulcral de Iahudah Ben-Rimoh(1814)
2 Lápide sepulcral de Espiche, com duas inscrições.....	...
3 " " " " , com uma inscrição.....	...
4 Inscrição da Sinagoga de Monchique, no Perto.....	...
5 " " " " Belmonte.....	...
6 Um cristo-neve de Belmonte.....	...
7 Lápide sepulcral de Faro.....	...
8 Sinagoga de Tomar.....	...
9 Pianta da Sinagoga de Tomar.....	...
10 Inscrição da Sinsagoga de Lisboa.....	...
11 Lápide sepulcral de Beja.

